

ibeu
85
ANOS

English is
is easy

Instituto Brasil-Estados Unidos
1937-2022

ibeu 85
ANOS

Publicação em homenagem ao aniversário de 85 anos do Ibeu
Distribuição gratuita | Rio de Janeiro, 2022

- 6 Apresentação**
85º Aniversário do Ibeu - José Luiz Lopes da Silva
- 7 Livro Ibeu 85 Anos**
Rebeca Rasel e Diana Barros
- 9 A semente de uma história notável**
Texto de Jonatas Tosta Barbosa
- 20 Entrevista com José Luiz Lopes da Silva, Presidente do Ibeu**
Texto de Jonatas Tosta Barbosa
- 27 Travessias no tempo**
Texto de Simone Petraglia Kropf
- 33 O Ibeu na Literatura Brasileira Contemporânea**
Trecho do livro "A mãe e o tempo", de Carolina Pombo
- 35 A Arte Contemporânea como Língua Estrangeira**
Texto de Cesar Kiraly
- 42 Mensagens e Depoimentos**
- 79 Memória Fotográfica**
- 86 O Ibeu na atualidade**
- 90 Equipe Ibeu 85 Anos**
- 98 Créditos**

85° Aniversário do Ibeu

Há 85 anos nascia o IBEU. Uma semente aqui plantada por um grupo de americanos que acreditaram na luz, na vitalidade e no espaço para crescimento da ideia que traziam.

E não estavam errados. Essa ideia germinou, criou raízes, deu flores e frutos, se espalhando por vários bairros do fértil solo da cidade do Rio de Janeiro.

Ventos e tempestades curvaram algumas vezes a árvore IBEU que, forte e ativa, se ergueu, abrindo espaço para a chegada de novas florações, novas primaveras e novos ciclos.

E em um movimento contínuo de renovação, o IBEU faz 85 anos. Nessa longa e bonita história, nossa Instituição atendeu milhares de alunos e deixou sua marca de qualidade em várias gerações.

Parabéns a todos que aqui trabalharam e trabalham, nutrientes de um sonho que se transformou no grande IBEU.

Vida longa, IBEU!

José Luiz Lopes da Silva
Presidente do Ibeu

Livro Ibeu 85 Anos

No dia 13 de janeiro de 2022, celebramos os 85 anos de fundação do Instituto Brasil-Estados Unidos. Ao longo de oito décadas, muitas foram as mãos que escreveram - e até hoje escrevem - a história do Instituto: embaixadores, diplomatas, presidentes e congressistas; pais, professores, músicos, leitores e artistas. Foi o encontro de incontáveis vidas que tornou possível a existência do Ibeu, uma das instituições de ensino e cultura mais importantes do Brasil.

Esta publicação tem como objetivo recontar as oito décadas do Ibeu através do resgate de seu acervo documental (anuários, relatórios, catálogos e boletins) e da reunião de depoimentos cedidos por suas equipes docentes e administrativas.

É com esse espírito de continuidade e permanência que comemoramos mais um aniversário, certos de que o passado do Ibeu não é uma história encerrada nas páginas de um livro, mas uma memória viva capaz de nos orientar a cada nova decisão e caminho. Que em 2022 possamos então, juntos, escrever nosso melhor destino.

Rebeca Rasel e Diana Barros
Centro Cultural Ibeu



Registros de salas de aula do Instituto Brasil-Estados Unidos. Fotografias: Acervo Ibeu (décadas de 1940 e 1970, respectivamente)

A semente de uma história notável

Jonatas Tosta Barbosa ¹

Não nos definimos apenas pela soma de nossas obrigações, mas por tudo que vivemos todos os dias. Dos simples gestos aos indelévels fatos, nada nos escapa. Se não conservarmos viva a memória e não a contemplarmos como num espelho, pouco a pouco nos dissipamos, e um tanto menos nós somos.

Esta história é feita do encontro de inumeráveis vidas. Cada uma delas deixou as marcas que sobrepujam os registros acumulados ao longo do tempo. Por trás de cada assinatura e fotografia, se escondem muitos rostos que, unidos numa mesma imagem, deram forma ao que o Instituto Brasil-Estados de fato é. O encontro de tantas vidas tornou possível a existência de uma das instituições de ensino e cultura mais importantes do Brasil, e hoje é com imensa satisfação que comemoramos seus bem-vividos 85 anos.

O Ibeu estende suas mãos e convida você a acompanhá-lo em uma viagem no tempo. Lançando mão de preciosos registros, voltaremos oito décadas para conhecer um pouco das inumeráveis experiências que o tornaram um curso de língua inglesa exemplar.

¹ Jonatas Tosta Barbosa é escritor, redator e assistente editorial na Editora Jaguatirica. Em 2021, Jonatas foi convidado pelo Centro Cultural Ibeu para iniciar uma pesquisa junto ao acervo documental do Ibeu e, a partir do material pesquisado, contribuir com textos relacionados à história e memória de nosso Instituto.

Voltemos a 1931. O mundo ainda sentia os efeitos da crise econômica de 1929, ao passo que os avanços tecnológicos e as mudanças dos paradigmas culturais se demonstravam irrefreáveis em um mundo cuja distância se abreviava gradualmente. Nesse contexto, Steven Duggan, o diretor do *Institute of International Education*, em Nova York, viajou para a América Latina a fim de fundar uma entidade cultural filiada ao IIE e promover o intercâmbio educacional para além das fronteiras dos Estados Unidos. A ideia não se realizou de imediato, mas amadureceu ao longo de cinco anos. As relações culturais entre Brasil e Estados Unidos foram discutidas por intelectuais de ambos os países, até que o tema foi abordado na *Conferência Interamericana* de 1936 pelo missionário protestante Guy Inman, um importante ator na histórica política de boa vizinhança promovida pela nação norte-americana.

Em 13 de janeiro de 1937, no Salão de Conferências do palácio do Itamaraty, finalmente foi convocada a Assembleia Geral que originou o Instituto Brasil-Estados Unidos. Mais de cem pessoas testemunharam a solenidade. Entre elas, figuras ilustres, como Austregésilo de Athayde, Francisco Campos, Pedro Calmon, o chanceler Oswaldo Aranha e Afrânio Peixoto, cujo nome seria concedido à futura Biblioteca do Ibeu.

Eleito o primeiro presidente, o diplomata Helio Lobo consolidou a importância do Instituto pela sua proximidade com o Itamaraty. A plateia, atenta ao discurso, ouvia-o ressaltar a relevância dos intercâmbios para *“a vinda ao Brasil de personalidades representativas da cultura norte-americana e, ao mesmo tempo, a ida aos Estados Unidos de professores e estudantes brasileiros”*. O Sr. Hélio Lobo renunciava a infinidade de bolsas de estudos que o Ibeu concederia a alunos de ambas nacionalidades – prática que se mantém até hoje.

Se pudéssemos ter diante de nossos olhos o Jornal do Comércio do dia seguinte, suas linhas nos revelariam as

variadas atividades oferecidas pela novíssima Instituição: conferências, exposições, concertos, exibição de filmes, recepções sociais e, evidentemente, cursos regulares de Inglês para brasileiros e Português para americanos, além de rica biblioteca especializada em cultura norte-americana, um sonho para qualquer estudante.

A princípio, as aulas concedidas pelo Ibeu contavam com três professores e 18 alunos em um espaço cedido pela Associação Brasileira de Educação. As doações da colônia americana e a contribuição da embaixada dos Estados Unidos possibilitaram alugar a primeira sede própria, na Rua México. As aulas particulares não tardaram a evoluir para o Departamento de Ensino de línguas, que atuou como base da estrutura atual. Ao final da Segunda Grande Guerra, o Instituto evoluiu exponencialmente, atingindo a marca de 173 alunos instruídos por 8 professores, número que se multiplicaria. Até o final da década, o Ibeu reuniria 3125 alunos distribuídos em 98 turmas.

A atuação no ensino de línguas era apenas uma das fronteiras a serem exploradas. O Ibeu foi pioneiro na promoção de intercâmbios educacionais com os EUA. Em 1938, o Instituto manifestou ao IIE sua intenção de disponibilizar três *fellowships* a formados em algum prestigiado *college* ou universidade norte-americana que desejassem estudar no Brasil em troca de três *fellowships* para brasileiros estudarem nos Estados Unidos.

Num momento em que os Estados Unidos buscavam estreitar seus laços com a América Latina, Joseph Raleigh Nelson, diretor do *International Center* da Universidade de Michigan, aceitou a oferta do Ibeu e articulou o programa de intercâmbio entre o Instituto e aquela universidade. O *Brazilian Fellowship Program* abrangeria diversas áreas do conhecimento. Após uma meticolosa análise dos candidatos, os primeiros brasileiros a usufruírem do programa foram Osvaldo Trigueiro, Paschoal Lemme e Heloisa Cabral da Rocha Werneck. Junto ao Ibeu, a Universidade de

² Essas e outras informações sobre o intercâmbio educacional entre o IBEU e a Universidade de Michigan encontram-se em: KROPF, Simone P. “Circuitos da boa vizinhança: diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial”, *Varia Historia*, v. 36, n. 71, p. 531-568, 2020. <https://www.scielo.br/j/vh/a/vBJWTzFXvwmRJ9bJWYNZcNg/?lang=pt>

Michigan tornou-se assim a primeira universidade nos EUA a estabelecer um programa de intercâmbio especificamente direcionado a um país latino-americano.²

Ao longo de sua história, o Ibeu articulava outras bolsas de estudo, enviando estudantes aos Estados Unidos com a colaboração de diversas instituições, como a Reader's Digest e a Fundação Kellogg. Desse modo, o Ibeu deixou sua importante contribuição na história das ciências e da educação no Brasil e no exterior.

O intercâmbio com a Universidade de Michigan se provou um sucesso, continuando diligentemente pelas décadas seguintes. Em 1955, o convênio com a Universidade possibilitou ao Ibeu conceder o certificado de proficiência em inglês aos seus alunos. E não por acaso, no mesmo ano, o presidente João Café Filho reconheceu, por decreto, o Instituto Brasil-Estados Unidos como entidade de utilidade pública, reafirmando oficialmente sua potência sociocultural.

Esses foram alguns dos eventos mais importantes ocorridos nos primeiros anos da história do Ibeu. Ressaltamos que, por trás de cada fato celebrado, cada aluno cativado pela notável postura dos professores, cada dirigente que de modo incansável buscou as condições necessárias para a melhoria dos espaços de ensino, existem vidas que emprestam suas memórias à identidade do Ibeu. Não podemos recordar do nobre passado do Instituto sem dizer o quanto lhes somos gratos.

Além da sala de aula

Ao caminharem distraidamente pelas calçadas da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, muitas pessoas não imaginam a importância histórica que as colunas do prédio nº 690 sustentam. Para entendermos como o local tornou possível o engrandecimento intelectual de incontáveis alunos, voltemos para 1968.

Naquele ano, visando intensificar sua atuação no âmbito social, o Ibeu iniciou um programa de bolsas de estudo para jovens de comunidades carentes do Rio de Janeiro. Essa prática tornou-se uma tradição que, até os dias de hoje, reflete-se em programas como o *Ibeu Faz Bem*, realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio.

Além das aulas de inglês, os alunos e bolsistas do Ibeu tinham a oportunidade de participar de uma variedade de eventos, conferências, torneios esportivos e excursões organizadas pelo Instituto. Entre as inúmeras atividades, destacamos também a *Embaixada da Amizade*, um programa de correspondência que estimulava a prática da língua inglesa entre alunos brasileiros e estrangeiros. No âmbito musical, vale ressaltar o trabalho do seu refinado Coral. Criado em 1962, a notável dedicação de seus regentes e coralistas rendeu-lhes, em 1968, o primeiro prêmio do II Concurso de Corais da Guanabara. O grupo encontra-se em atividade até os dias de hoje, com a participação de trinta coralistas e sob a regência da pianista e maestrina Ana Azevedo. Nas décadas de 1960 e 1970, o Ibeu também seguiu na organização de palestras e eventos relacionados ao universo literário, abrangendo tanto o gênero popular quanto o erudito. Autores notáveis compartilharam sua visão de mundo em inúmeras apresentações realizadas nos espaços sociais do Ibeu.



Registros de fotografias pertencentes ao acervo documental do Ibeu. Em destaque, imagens autografadas pelo astronauta Neil Armstrong e pelo ex-presidente norte-americano Richard Nixon.

Sabemos que, até o fim do século XX, os meios de comunicação eram relativamente limitados. Naturalmente, o acesso a informações se resumia aos veículos da época. Se atentarmos para o acelerado processo de globalização que conduzia o mundo naquela circunstância, chegaremos à conclusão de que os veículos não se comprovavam suficientes. Ciente de seu prestígio como canal de conhecimento, e atendendo às necessidades da comunidade em que estava inserido, o Ibeu periodicamente convidava professores e bolsistas que retornavam de viagens aos Estados Unidos para participar de conferências e palestras, de modo a saciar a curiosidade do ouvinte brasileiro acerca do cotidiano em terras estrangeiras e do uso "prático" da língua inglesa.

O IBEU na história



Ainda distante da Lua

Em 1966, em visita ao Brasil, os astronautas Neil Armstrong e Richard Gordon foram recepcionados no IBEU pelo nosso então presidente Dr. Roberto Menezes de Oliveira, pelo diretor e presidente da Comissão de Arte, Dr. Adroaldo Alencar, e pela diretora e presidente da Comissão Social, Sra. Helen Kincaid. Ainda iriam se passar três anos até que o homem pisasse na Lua e na época ninguém imaginaria que um dos ilustres visitantes do IBEU, Neil Armstrong, seria um dos tripulantes da histórica viagem da Apollo XI.

Em sua visita, os astronautas deixaram a seguinte mensagem registrada no livro de visitantes do Instituto:

"Best wishes for continued success from
"Gemini".

Neil Armstrong and Richard Gordon"

Boletim IBEU • Abril/Maio/Junho - 1996 • 3

Em poucas palavras notamos como o Ibeu tornou-se personagem de insuspeita relevância em nossa história. Nos arquivos do Instituto, não é raro encontrar uma infinidade de fotografias de figuras proeminentes, como Juscelino Kubitschek e Richard Nixon, participando de eventos a convite do Instituto. Na Biblioteca e nas salas de exposição do Ibeu, foram registradas apresentações de inúmeros artistas igualmente consagrados, como Cândido Portinari, Tarsila do Amaral e Ferreira Gullar. E por que não registrar a presença dos que realizaram viagens à Lua? Em 1966, a três anos de se tornar o primeiro homem a pisar na Lua, Neil Armstrong visitaria a sede do Ibeu. Algumas décadas depois, em 2009, o astronauta Albert Sacco viria a brindar-nos com uma palestra sobre o espaço, conduzindo a atmosfera do Instituto à altitude mais elevada que um ser humano já vivenciou.

Atravessando as fronteiras da arte

As frágeis páginas dos arquivos se abrem como conchas guardando preciosidades que resistem ao avanço das décadas. Conforme retornamos no tempo, nos damos conta de que devemos celebrar em dobro. Ao passo que o Ibeu completa 85 anos, também são comemorados os 100 anos da Semana de Arte Moderna. Não é novidade que o Instituto teve um papel importante para a promoção da vanguarda artística no Brasil. Três anos após sua fundação, na mesma data em que inaugurou sua primeira Biblioteca, o Ibeu realizou a exposição do pintor Carlos Oswald, pavimentando o caminho para a futura Galeria de Artes do Instituto.

As obras em água forte de Carlos Oswald foram as primeiras das centenas que o Instituto tornaria acessíveis ao público. Desde então, o Ibeu prosseguiu firmando parcerias com entidades importantes, como o Museu de Belas Artes, o Ministério da Educação, a Associação Brasileira de Imprensa e o Instituto dos Arquitetos do Brasil. Desse modo, tornar-se-ia um importante centro de lançamento de novíssimos talentos.

Em 1943, surgiu um personagem importante de nossa história. O jovem artista Marc Berkowitz sugeriu ao presidente do Instituto, o ex-ministro Eugênio Gudín, que promovesse exposições de artes plásticas. Atendendo ao pedido, em junho de 1944, o Ibeu viabilizou a “Exposição de Arte Moderna: Artistas Norte Americanos e Brasileiros”, contando com a presença das obras dos ilustres Alberto da Veiga Guignard, Alfredo Volpi, Candido Portinari, Tarsila do Amaral, entre outros.



Fachada da filial Ibeu da Rua Senador Vergueiro, no bairro do Flamengo.

Logo após a Guerra, era natural que se ampliasse a tendência do uso da língua inglesa na comunicação global, e a década se seguiu como um alvorecer para o Ibeu. A atuação do Instituto nas artes acompanhou a mesma tendência de crescimento do curso de línguas. Em 18 de junho de 1951, foi inaugurada a primeira sede da Galeria de Arte Ibeu, na rua Senador Vergueiro nº 103, no bairro do Flamengo. Em 1960, foi inaugurado um novo espaço no edifício-sede do Instituto, no bairro de Copacabana. Em 2017, no aniversário de 80 anos do Ibeu, a Galeria de Arte foi transferida para a filial do Jardim Botânico, onde podemos visitá-la até hoje.

Além de reconhecido pelo ensino de línguas e pelo intercâmbio cultural entre Brasil e Estados Unidos, o Ibeu é igualmente estimado por manter viva sua Galeria de Arte e Centro Cultural - estes, dois dos mais antigos equipamentos culturais privados a fomentar eventos e mostras de arte no Brasil. Nivelando-se a instituições como o Museu de Arte Moderna do Rio e o MAM de São Paulo, a história e o acervo cultural do Ibeu é até hoje escrita por artistas consagrados tanto no Brasil como no exterior. Neste sentido, a atuação do Ibeu no cenário artístico de vanguarda nos prova uma de suas virtudes mais notáveis: a sintonia com o seu tempo.

Nossa voz mais antiga

Para o Ibeu, todas as vozes são importantes. Mas há entre elas uma rara voz que atravessou o tempo e hoje se encontra conosco. A voz pertence ao senhor presidente José Luiz Lopes



Retrato de José Luiz Lopes da Silva, presidente do Ibeu, em seus anos de escola militar

da Silva. Para ouvi-lo melhor, pedimos que imaginem uma voz grave, mas sem austeridade, conduzindo-nos calmamente para uma época muito diferente da nossa.

Aos doze anos de idade, José Luiz era aluno do Colégio Militar. Seu pai, notando a importância da língua inglesa para os tempos que se precipitavam no horizonte, pediu a um professor, amigo do Colégio Militar, que indicasse um curso de inglês. Seu amigo indicou dois: a Cultura Inglesa e o Instituto Brasil-Estados Unidos. Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo já estava encaminhando pelo sucesso da cultura americana. Por isso, a família de José compreendeu que seria mais sábio aprender o novo idioma orientado pela circunstância. Naturalmente, a escolha seria o Ibeu.

José Luiz terminou o curso regular de inglês em seis anos, mas seu vínculo como aluno haveria de durar mais dois. Após uma estadia no Rio Grande do Sul a serviço do exército, José retornou ao Rio e matriculou-se em um dos mais famosos cursos de especialização do Ibeu, o *Teacher Training Course* (TTC), onde consolidou amizades e fortaleceu sua relação com o Instituto.

Naquela época, o jovem José Luiz não imaginava que, no futuro, viria a assumir a presidência do Ibeu. Decorreram os anos e, devido às longas linhas que havia escrito junto ao Instituto, alguns amigos o convidaram, primeiro, a participar da Diretoria. No transcurso desse tempo, propuseram-lhe que assumisse a presidência. Hoje, junto à equipe composta dos mais formidáveis profissionais, o Ibeu avança sob sua regência, encarando os desafios do nosso tempo, com o objetivo de sempre estar entre os melhores cursos de inglês do Brasil, como sempre esteve.

Muitas dessas belas cenas foram registradas em fotografias antigas - algumas, presentes neste livro, que são como verdadeiras janelas sempre abertas para uma breve visita ao passado. Por elas, sentimos o clima acolhedor de todos que fizeram parte dessa jornada rumo ao melhor ensino de Inglês.

E antes de se despedir, imagine-o uma última vez, observando as antigas fotos. A mesma voz a dizer sabiamente que, à época dos acontecimentos, nem sempre lhes damos a importância devida. Mas o passado, assim como a nossa vida, vai adquirindo sua verdadeira importância à medida que o tempo vai passando.

Ibeu, muito prazer

Creemos que qualquer pessoa em algum momento da vida já tenha se perguntado: como seria a minha realidade se fizesse outras escolhas? Imediatamente, somos arrebatados para um breve sonho. Talvez seja uma pergunta frequente em meio ao trabalho ou no trânsito, enquanto voltamos para casa depois de um dia cansativo ou pouco antes de deixarmos o leve peso da existência sobre o travesseiro para dormirmos. Independente de nossos vislumbres, encontramos, inevitavelmente, a única certeza que temos: a vida diante de nós. E sob o olhar concentrado do senhor dia-a-dia, despertamos e continuamos, deixando marcas quase imperceptíveis, e tornando o mundo possível da maneira como deve ser.

Não é diferente com o que ocorre desde a fundação do Ibeu. Por trás de cada linha desta história, existem, acima de tudo, pessoas cujas escolhas concebem o Instituto do modo como o contemplamos: do operário que assentou o primeiro tijolo do prédio na rua México aos arquitetos que o planejaram; do último sujeito a sair do escritório em Copacabana àquele que é responsável pela limpeza e sai ainda mais tarde que o primeiro. Um curto exercício de imaginação pode levar-nos a ouvir cada professor ensinando as primeiras palavras aos alunos, e cada aluno tornando-se um personagem capaz de assumir a própria história. No fim, o mérito do Instituto Brasil-Estados Unidos é fruto da decisão de cada uma dessas pessoas que, assiduamente, empenham suas pequenas grandezas junto ao Ibeu.

Somos capazes de perceber o valor do que temos somente quando notamos sua insustentável leveza diante do tempo. Ele sempre leva o que temos. Sem pedir, nos vai dobrando conforme a sua vontade, como faz com as velhas fotografias guardadas nas caixas de arquivo. Mas há coisas que não se conformam com seus caprichos. Elas resistem. Balançam para lá e para cá. Insistem. Estendem raízes novas, perfurando novas terras até chegar ao presente. E esse é o nosso momento de sorrir.

Com imensa alegria, celebramos os bem-vividos 85 anos de existência junto à cada vida, desde a fundação do Ibeu.

Será sempre nosso prazer.



Primeiras publicações do Instituto Brasil-Estados Unidos (Acervo Ibeu, 1940)



Registro fotográfico do edifício de número 690 da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, local escolhido para sediar o Instituto Brasil-Estados Unidos a partir de 1960. Fotografia: Acervo Ibeu (década de 1960)

Entrevista com José Luiz Lopes da Silva, Presidente do Ibeu

Por: Jonatas Tosta Barbosa



Conversa realizada em dezembro de
2021 na Sede do Ibeu em Copacabana.

Entrevistador Ao longo desses meses, a equipe do Centro Cultural decidiu que o Livro de 85 Anos destacaria o caráter humano por trás da identidade histórica. Ou seja, nós resgataríamos não só a memória do Instituto, mas pediríamos o relato das vidas que o tornaram possível. Temos ouvido depoimentos daqueles que participaram da história do Ibeu, e também de quem ainda hoje a escreve: alunos, professores, funcionários... Mas em meio aos depoimentos, faltava uma voz muito importante; uma voz que "nasceu com o Ibeu" e atravessou o tempo. E é por isso que pensamos nesta entrevista. Então, seria importante conhecermos suas primeiras impressões sobre o Instituto. Peço ao senhor que tente buscar na sua memória mais antiga a magnitude do Instituto Brasil-Estados Unidos.

Presidente É uma boa intenção. Eu sou aluno do Ibeu há muitos anos. Quando tinha doze anos de idade, fui aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Meu pai tinha uma visão, uma perspectiva muito inteligente, de que o Inglês era essencial. Não só na vida militar, que eu estava iniciando, como também em todos os aspectos da vida e de todas as atividades sociais e econômicas. Então, solicitou a um amigo, professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, a indicação de um curso onde eu pudesse iniciar o estudo do idioma. Esse amigo indicou dois cursos: o primeiro, a Cultura Inglesa, que era na época um curso conceituado, de ótimos resultados. E o outro, o Instituto Brasil-Estados Unidos. Esse amigo e conselheiro do meu pai concluiu que era interessante que eu começasse a estudar inglês no Ibeu, porque o mundo, logo após a Segunda Guerra Mundial, já estava encaminhando para a influência, o sucesso e a fortaleza da economia norte-americana. Logo, seria mais interessante cursar o Ibeu. Dito e feito! Meu pai pediu que minha mãe realizasse a matrícula e, aos doze anos, comecei a frequentar as aulas de inglês.

Eu me lembro que na primeira vez em que fui ao Ibeu, na Rua México, os professores eram quase todos americanos. Só que no horário das aulas - segundas, quartas e sextas, às dezesseis horas, eu tinha, naquele exato momento, no América Futebol Clube, meu treino de futebol. Eu jogava

nas divisões de base e não gostei da ideia. Falei para minha mãe: “Olha, segunda, quarta e sexta, às dezesseis horas, eu não posso”. [Mãe] “Ah, você pode... Fala para o seu pai!”. Quem disse que eu falei com o meu pai? [risos]. Então, fui para minha primeira aula, sentei na última fileira e fiquei pensando naquele momento que meus amigos estavam treinando na divisão básica. A professora, me lembro como se fosse hoje, americana, chamada Ms. Sanson, me olhou lá na última carteira e me pôs na primeira. Pela habilidade, pela competência dessa primeira professora de inglês que eu tive, eu comecei a gostar do estudo do inglês. Na segunda e terceira aula, já não queria mais faltar. Arrumei outro horário para o futebol e... compareci a todas as aulas.

E o inglês foi de uma utilidade imensa, não só na minha vida particular, como na minha vida profissional. Depois da Segunda Guerra Mundial, o Exército Brasileiro estava em transformação: os ensinamentos e os treinamentos militares passaram da doutrina francesa para a norte-americana. Porque até a Primeira Guerra, nós, do Exército Brasileiro, tínhamos assessores, professores e orientadores franceses. Eu estudei por vários anos na Aliança Francesa. Quando surgiu a guerra, e meu pai inteligentemente me orientou para estudar inglês, e eu me dediquei ao Ibeu. Os professores eram de alta capacitação profissional, e eu fui deslançando, aprendendo, porque eu encontrei no Ibeu um sistema de ensino excepcional. Em pouco tempo, em menos de dois anos, eu estava fluente no idioma.

Tanto que, em uma visita à Buenos Aires, em um intercâmbio de alunos da escola militar, não havia tradução simultânea em uma das aulas ministradas por oficiais ingleses. A aula estava marcada para sete horas da manhã. Já era sete e meia, e o oficial argentino disse: “nós estamos esperando a equipe de tradução simultânea, vamos aguardar mais um pouco”. Eles estavam com essa dificuldade porque a equipe que faria a tradução do inglês para o espanhol estava atrasada - ou faltou - e eles não sabiam o que fazer. Aí, um colega meu, engraçadinho, falou: “Ó, o Zé Luiz faz”. O oficial que ministraria a aula olhou para mim e: “Você pode fazer esse favor, pode fazer a tradução para nós?”. “Mas eu só tenho dois anos de

inglês”, respondi... E eu tive que fazer a tradução simultânea do inglês para o espanhol, que eu já falava. E com meus dois anos de Ibeu, eu fiz a tradução simultânea, do inglês para o espanhol, numa escola militar em Buenos Aires.

Entrevistador O senhor imagina como seria se tivesse escolhido o futebol ao invés do inglês...

Presidente Futebol é diversão, o inglês é para o resto da minha vida... É o destino, não? Sei que o Ibeu foi de uma utilidade enorme na minha vida particular e profissional. Eu estudei seis anos, inicialmente. Depois, tive a oportunidade de cursar o *TTS - Teacher Training School*. Ao todo, foram oito anos de estudos no Instituto Brasil-Estados Unidos. Ao ser convidado a ser presidente deste Instituto, em 2020, uma das primeiras perguntas que eu fiz foi “e o TTS?”. Não havia mais, com esse nome, outro curso o substituiu, o *Teacher Learning Lab*, mas com a mesma finalidade de preparar professores.

Entrevistador E como foi assumir a presidência de uma instituição de ensino como o Ibeu?

Presidente Nunca pensei em assumir a presidência do Ibeu. Entretanto, alguns amigos particulares estavam aqui, na diretoria, quando me convidaram para fazer parte da mesma. Aceitei pelos laços históricos, de tempo de Ibeu, como aluno antigo do Instituto Brasil-Estados Unidos. No transcurso desse tempo na diretoria, me propuseram a assumir a presidência. O que eu prontamente aceitei. Então, nestes dois anos e pouco na presidência, enfrentamos - e superamos - alguns problemas em virtude da crise econômica do estado do Rio e do próprio do Brasil. Mas estamos aqui, fazendo um esforço muito grande para enfrentar todas as situações adversas e alcançar o equilíbrio, e para também ensinar o melhor inglês possível. A história do Ibeu é a nossa motivação. E nós vamos atingir, perfeitamente, esse objetivo. Sem dúvida nenhuma.

Entrevistador Bom, e por falar em história, uma das coisas que me chamou atenção durante a pesquisa nas antigas publicações do Instituto foi a relação com o público, com a

comunidade em geral, através dos muitos eventos realizados. Se o senhor puder falar um pouco a respeito...

Presidente Além do inglês, o Instituto Brasil-Estados Unidos promoveu - e promove - atividades extraclases que são culturais, recreativas, mas com o objetivo de ensinar inglês. No meu tempo, havia aos sábados o *Tea Dance*, no qual nossos professores reuniam os alunos do Ibeu, do Colégio Militar, do Instituto da Educação, em atividades onde só se podia falar inglês. Não era permitido falar português. E tinha também uma parte dançante, era aos sábados à tarde. Lembro que a professora que coordenava essas reuniões era uma moça chamada Tônia Carrero, filha de um professor do Colégio Militar e, futuramente, uma renomada atriz brasileira. Ela coordenava os alunos e fazia uma reunião interessantíssima. Essa reunião formal fazia parte do ensino do inglês, e abrangia não só a parte eminentemente escolar, como também a social. O Ibeu tinha isso, como tem até hoje, o ensino de inglês relacionado às atividades sociais e culturais.

Entrevistador Esse é um ponto que eu acho muitíssimo interessante: as atividades sociais com crianças, jovens, adultos...

Presidente Na minha época havia também uma reunião para crianças, o *Baby-Sitter Service*, lembro bem. Assim como havia reunião para adultos, havia também para crianças. Para os jovens, havia o *Tea Dance*. Quando entrei no Colégio Militar, com doze anos de idade, o *Tea Dance* já existia, e quando eu tinha treze, quatorze, quinze anos, eu ia a todas as festas do Ibeu, aos sábados... quando não tinha jogo de futebol.

Nós fazíamos essas reuniões do Ibeu, em inglês, lá no Colégio Militar do Rio de Janeiro, que tinha salões muito bons. Era ali que serviam chás, uns biscoitinhos, mas o importante mesmo era o baile. E muitas amizades e casamentos ocorreram depois disso! Muitos alunos do Colégio Militar casaram-se com alunas do Instituto de Educação. Lembro-me de uma aluna do Instituto que namorou, noivou e casou com um aluno do Colégio Militar, e essa mulher, senhora Sandra Cavalcanti, tornou-se uma alta funcionária do Governo, foi



Registros de eventos sociais realizados pelo Ibeu.

Acervo Ibeu (fotografias sem data e sem legenda)

assessora do governador Carlos Lacerda, deputada e primeira Presidente do Banco Nacional da Habitação (BNH), que foi fundado em 21 de agosto de 1964 e extinto no Governo do Presidente Sarney em novembro de 1986. Uma mulher de grande nome e experiência, que conheceu o marido nos bailes do Ibeu. Meu primeiro contato com esse casal foi, portanto, no Ibeu, em um baile organizado para alunos.

Entrevistador Além do baile, o senhor frequentava outros eventos? Chegou a participar do Coral do Ibeu, por exemplo?

Presidente Sim, desde o início havia eventos musicais, com cantores, coristas... O Coral do Ibeu é de primeira categoria, de grande qualidade, até hoje. A pandemia diminuiu um pouco nossa atuação social, mas pretendemos reativar os eventos logo depois que a situação começar a melhorar. Mas não, não participei do Coral. A professora de música fez um teste para todos os alunos, me fez cantar alguma coisa, e eu não passei, não era afinado o suficiente para fazer parte do Coral do Ibeu...

Entrevistador Sabemos que, ao longo da história norte-americana, seu povo sempre investiu na formação de leitores, e, através da Biblioteca, de certo modo, o Ibeu refletiu essa prática cultural. O que o senhor poderia comentar a respeito?

Presidente A Biblioteca do Ibeu é uma das melhores que nós temos no Brasil, sem dúvida nenhuma. Por seu número de volumes, pela qualidade do nosso acervo, pelo ambiente, pelo tanto de alunos que estudou em nossa Biblioteca...

O Ibeu tem o dna dos americanos. Nós nos esforçamos para preservar a qualidade e a excelência do ensino de inglês do Instituto Brasil-Estados Unidos. Essa é a nossa tradição. E o nosso futuro também.



Registro fotográfico do edifício de número 690 da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, local escolhido para sediar o Instituto Brasil-Estados Unidos a partir de 1960. No segundo andar do edifício, vemos o espaço da Galeria de Arte Ibeu. Fotografia: Acervo Ibeu (1985)

Travessias no tempo

Simone Petraglia Kropf ¹

¹ Doutora em História, pesquisadora do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Em 2021, fez contato com o Centro Cultural do IBEU com o objetivo de realizar, com sua aluna de doutorado Talita Fontes, pesquisa no acervo documental do Instituto, de modo a avançar em sua investigação histórica sobre a atuação do IBEU na promoção de relações culturais e educacionais entre Brasil-Estados Unidos a partir da década de 1930.



Neusa Feital Wöhrle, bolsista do IBEU no Wellesley College entre 1947 e 1948.

O IBEU tem vários significados na minha vida. O primeiro deles foi ser meu curso de inglês, que concluí no início dos anos de 1980. Estudante do Colégio Sagrado Coração de Maria em Copacabana, recordo-me das aulas em que aprendia letras de músicas da época, algumas das quais tentava tocar no violão. Lembro também do fascínio pela Casa Mattos, famosa papelaria que ficava ao lado da entrada do Instituto na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, cujos cadernos, canetinhas e outros “tesouros” faziam sucesso na época de compra de material escolar.

Dentre minhas muitas lembranças, uma é bastante singular: fiz o curso no IBEU com uma bolsa de estudos intermediada por Neusa Feital Wöhrle, prima de minha avó materna, carinhosamente chamada de “prima Neusa” por todos na família. Na época, eu não sabia ao certo qual era a sua relação com o IBEU. Mas era algo que compunha perfeitamente a imagem que, como adolescente, eu tinha daquela senhora elegante, que falava inglês com perfeição, tinha morado nos Estados Unidos e na Inglaterra e que despertava minha admiração: uma mulher independente, que dedicava sua vida à educação, ao conhecimento e à cultura e que, em muitos sentidos, desafiava as muitas restrições impostas às mulheres de sua geração.

Nascida em 1915, época em que poucas mulheres tinham formação universitária, Neusa Feital (seu nome de solteira) estudou pedagogia na Universidade do Distrito Federal, diplomando-se no final da década de 1930. Criada em 1935 por Anísio Teixeira - liderança do importante movimento pela Escola Nova, fortemente inspirado nas concepções do filósofo estadunidense John Dewey -, a UDF foi um marco na história da educação no Brasil. Era um centro inovador de ensino, que valorizava a pesquisa e pretendia formar não só profissionais, mas a *intelligentsia* do país. Aluna de Teixeira, Neusa seguiria suas ideias e ideais, mantendo contato com ele e convivendo com outros destacados intelectuais ao longo de sua trajetória.

Prima Neusa era uma mulher “à frente de seu tempo”, como se costumava dizer. Aos 19 anos, comprou um carro para que

pudesse frequentar a praia no então distante bairro do Leblon. Postergava o casamento, priorizando a conquista da autonomia financeira que lhe daria liberdade para fazer o que desejasse. Paralelamente a suas atividades no magistério (algumas exercidas em escolas experimentais estabelecidas por Anísio Teixeira), viajou pelo país, junto a Eunice Weaver, para visitar educandários para filhos de pessoas afetadas pela hanseníase, vindo a trabalhar na diretoria da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

Em 1945/1946, para aumentar a renda e ampliar os horizontes profissionais, Neusa candidatou-se e foi aprovada em disputado concurso para o Ministério da Educação, sendo designada para a famosa “Rádio Ministério da Educação” (posteriormente Rádio MEC), onde atuou como diretora de programas, dentre os quais o programa infanto-juvenil “reino da alegria”. Enquanto aguardava a nomeação para o cargo, que viria em 1947, passou a frequentar o IBEU. Tendo aprendido a língua inglesa ainda na infância e motivada sempre a “acompanhar as novidades da época”, como ela mesma dizia, minha prima buscou o Instituto para realizar cursos de *creative writing* e sobre contos de autores estadunidenses, como William Faulkner, de cujos livros gostava particularmente. Ao saber que o IBEU oferecia bolsas para estudos nos Estados Unidos, não teve dúvidas. Entre 1947 e 1948, foi fazer mestrado em um college para mulheres nas cercanias de Boston, desenvolvendo dissertação sobre atividades de educação extra-escolar (área em que já atuava como professora).

Neusa narrava com vivacidade a experiência na Faculdade de Educação do Wellesley College. Lembrava-se dos desafios que enfrentou como estrangeira, a viver numa cultura diferente da sua. Mas enfatizava, sobretudo, as inúmeras descobertas realizadas no convívio com suas professoras e colegas de curso, algumas destas vindas de outros países. A viagem lhe trouxe aprendizados acadêmicos e impactou sua visão de mundo, intensificando seu desejo por autonomia. Ao voltar ao Brasil, foi morar sozinha, contra a vontade dos pais (Neusa se casou somente em 1954, aos 39 anos, com

o executivo de origem alemã Hans Martin Zeppelin Wöhrle, o “Zepp”).

A formação pós-graduada nos Estados Unidos foi decisiva em sua carreira como educadora, que incluiria um curso na BBC de Londres, em 1949/1950, custeado por bolsa do governo britânico, sobre produção de programas educativos para rádio e televisão (mais uma novidade!). Entre suas atividades, Neusa encarregou-se do programa “postais de Londres”, irradiado pela BBC para o Brasil. Ao retornar, foi convidada para participar da organização da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas e dali em diante passou a desenvolver vários outros projetos (igualmente inovadores) na FGV, até sua aposentadoria.

Os laços com o IBEU permaneceram. Em 1952, por exemplo, ela lecionou no curso intensivo oferecido pelo Instituto a professores de inglês para aprimoramento de seus métodos de ensino. Em 1960, participou da comissão formada pelo Instituto para organizar uma exposição conjunta de artistas estadunidenses e brasileiros no Salão do Ministério da Educação. Imagino que tenha havido várias outras ocasiões em que minha prima esteve envolvida em atividades culturais promovidas pelo IBEU.

Eu poderia mencionar muitas outras realizações dessa mulher e intelectual extraordinária, que aos 90 anos ainda vivia cercada de livros, revista e jornais, entre eles o New York Times, que lia diariamente. Mas finalizo esse depoimento com o registro de outro (e inesperado) caminho pelo qual o IBEU foi um elo entre mim e essa prima-avó que eu tanto admiro e que sempre comemorou comigo cada passo de minha trajetória acadêmica, especialmente o ingresso no mestrado e no doutorado em História.

Neusa já era falecida quando iniciei, em 2013, um projeto de pesquisa sobre a cooperação Brasil-Estados Unidos na área de cardiologia nas décadas de 1930-40, em parceria com Joel D. Howell, historiador da Universidade de Michigan (com a qual a Fiocruz mantém convênio). Ao consultar o arquivo histórico da universidade, deparei-me com centenas

² Em 2005, Neusa concedeu uma longa entrevista a Nara Azevedo e a Bianca Antunes Cortes, pesquisadoras da Fiocruz na área de história das ciências, para um projeto sobre a história de mulheres cientistas. O depoimento, que tive a felicidade de acompanhar, encontra-se preservado no arquivo histórico da instituição (<http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/neusa-feital-wohrle>).

de documentos que me mostraram que as relações entre aquela instituição e o Brasil iam muito além da medicina e que o IBEU tinha sido ator decisivo nesse processo. Em 1938, um ano após sua criação, o Instituto firmou um programa anual de intercâmbio (em nível pós-graduado) com a Universidade de Michigan. A iniciativa, proposta pelo IBEU, foi pioneira dentre os programas de relações científicas, culturais e educacionais entre os Estados Unidos e a América Latina que estavam sendo criados no contexto da Política da Boa Vizinhança implementada pelo presidente Franklin D. Roosevelt (1933-1945). Essa foi a origem da relação entre o IBEU e a Universidade de Michigan, usualmente associada à certificação da proficiência na língua inglesa.

Lembro-me vivamente de meu entusiasmo ao vislumbrar, diante daqueles preciosos e inéditos documentos (entre os quais cartas da diretoria do IBEU, memorandos, relatórios e listas de brasileiros e estadunidenses que se beneficiaram do intercâmbio), o tema de pesquisa que viria a desenvolver em meu pós-doutorado na Universidade de Michigan, entre 2017-2018. Nesse estudo (cujos resultados foram publicados em 2020 na revista *Varia Historia*, sob o título “Circuitos da boa vizinhança: diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial”), pude examinar com profundidade esse aspecto importante e até então desconhecido da história do IBEU e da própria história das relações entre Brasil e Estados Unidos. Uma história da qual minha prima fez parte, como tantos outros brasileiros que aperfeiçoaram seus estudos em universidades estadunidenses graças a bolsas concedidas pelo Instituto desde a década de 1930. Uma história sobre a qual ainda há muito a contar e que vem sendo estudada por minha aluna de doutorado Talita Fontes, com base na valiosa (e ainda pouco conhecida) documentação histórica do Instituto.

A vida é feita de muitas travessias... Setenta anos (exatos!) depois da viagem de minha querida prima Neusa, o IBEU, como objeto de pesquisa, levou-me à pequena e vibrante cidade universitária de Ann Arbor, no meio-oeste dos Estados Unidos. Foi um dos momentos mais felizes de minha vida

acadêmica e pessoal. Imagino a alegria de minha prima se pudesse me ouvir contar essa história. Por isso, ao escrever essas linhas, tenho o seu retrato à minha frente. Agradeço ao Instituto Brasil-Estados Unidos por haver me proporcionado, por meio desse livro, a oportunidade de lhe render essa homenagem, entrelaçando nossos caminhos mais uma vez.



Simone Kropf na biblioteca histórica da Universidade de Michigan, 2018.



Artigo "Circuitos da boa vizinhança: diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial", de Simone Petraglia Kropf, publicado em 2020 na revista Varia História (vol. 36, n. 71). Disponível em: <https://www.scielo.br/vh/a/vBJWTzFXvwmRJ9bJWYNZcNg/?lang=pt>

O Ibeu na literatura brasileira contemporânea

Trechos do livro "A mãe e o tempo",
de Carolina Pombo

Carolina Pombo é escritora e psicóloga,
especialista em saúde pública e autora do livro
*A Mãe e o tempo: ensaio da maternidade
transitória* (RJ, Editora Jaguatirica, 2017,
2ª edição | e-ISBN: 9788556621108)



"Eu tentava reencontrar a mim mesma em tantos olhos, roupas, cabelos... antes que chegasse ao destino, frustrada. Aproveitei o percurso do ônibus, sentando-me perto do trocador – como não fazia há anos, encolhida ante o alto encosto do primeiro banco – olhando atentamente a paisagem, sem perder a maioria dos letreiros, lendo-os, consumindo-os, como fazia vorazmente na fase de alfabetização. Street Shoes, Bella Dome, Fantasias, IBEU – o Ibeu! O tempo em que trabalhei para estudar inglês na adolescência! – uma canção em inglês, em voz feminina, que descobrira recentemente, se repetia em minha mente, como de costume, lembrando-me de que muitas de minhas músicas preferidas estavam perdidas nas caixas abandonadas das últimas mudanças. Caixas que talvez guardassem também uma parte relevante da minha identidade.

Olhando as bocas e suas palavras, ignorando os corpos inteiros, lia cada movimento e trejeito que passava pela roleta e que poderia lembrar-me. Frases sobre as aulas, a professora atrasada, a vida da vizinha, o calor, a saudade... Fazia a música parar e me concentrava na conversa do banco de trás, tentando identificar que língua era falada – era o português mesmo. Porque passando por Copacabana, era comum encontrar turistas conversando em inglês, espanhol ou francês, e também era um hábito tentar traduzir o pouco do estrangeiro que compreendia em conversas paralelas. Eu gostava de viajar.

Lembrei dos anos em que fazia esta viagem quase diariamente, atravessando a Avenida Nossa Senhora de Copacabana, torcendo para os sinais estarem abertos e o motorista não ser tão apressado a ponto de abandonar os idosos nos pontos – porque já não tinha mais esperança sobre o trânsito. Então, naquele dia, o trânsito não estava tão mal – surpreendentemente – e eu tinha reduzida minha oportunidade de reencontro. Aproveitei cada detalhe, avidamente, sabendo que ela estaria ali perdida em algum lugar, em alguns olhares. Mas minha identidade não se deixava tocar, mesmo anunciando sutilmente sua presença."

A Arte Contemporânea como Língua Estrangeira

Cesar Kiraly ¹



¹ Cesar Kiraly é curador da Galeria de Arte IBEU e professor de Estética e Teoria Política da Universidade Federal Fluminense - UFF.

À direita, vista e detalhe da exposição "A intimidade é uma escolha", da artista Maria Fernanda Lucena, realizada na Galeria Ibeu em 2017.

1. O aprendizado de um idioma estrangeiro é quase sempre pensado do ponto de vista prático. A utilidade é associada à empregabilidade. Disso se segue o esforço das famílias em matricular os filhos nos cursos de línguas; hodiernamente, inclusive, no ensino bilingue, capaz de dotar a criança de dois idiomas maternos. Esta, no passado, uma especificidade das casas compostas de culturas emigrantes, insistentes em não perder o laço com o passado. O mercado de trabalho, como motivo para estudar idiomas, é uma particularidade que se inicia com o inglês, entre nós, principalmente a partir dos anos cinquenta, depois abarcando as línguas de outros parceiros comerciais, como o alemão, o espanhol, e, na última década, não sem imensas dificuldades, o chinês. Antes disso, como comentam nossos avós, o francês era a fala outra que se arranhava, cujas noções eram adquiridas na escola e a fluência uma marca de distinção social. Ainda que as conversas fossem entremeadas com pequenas expressões em francês, conseguir conversar sem dificuldades não deixava de ser ostentado como um dos mais importantes predicados. O biquinho até hoje é chique, mas, como se diz, não enche barriga na época da competição.

2. Por outro lado, rapidamente se percebeu que a empregabilidade e a distinção social não são os melhores motivos, ainda que de apelo inegável, para se aventurar nos sacrifícios de se aprender uma nova língua. Ora, é muito difícil competir com os bilingues e, para se ostentar distinção, é preciso frequentar os ambientes em que ela faz sentido. A melhor razão, na verdade, é dispor de uma alternativa à realidade imediata. O campo semântico de estrangeiro é bastante sugestivo, nem mesmo a globalização ou a virtualidade foram capazes de restringi-lo. Ele é composto por estranho, alheio, outro, diferente, transcendente, exótico, sem esquecermos do divertido alienígena. Disso se segue, a não ser pelo idioma materno, todas as línguas, porque indiretas à realidade imediata, trazem consigo um perigo. Não importa se o idioma aprendido pertence a um povo em momento de vigor comercial ou a um grupamento social extinto. Se a língua é popular, como o inglês ou o espanhol, ela atrai um sem número de variações provocadas pelo contexto de origem daqueles que se aproximam dela, sendo

quase impossível encontrar um âmbito em que o idioma padrão seja falado, se é impopular, o contexto original dos seus sabores remete a um mundo muito distante, quase nunca querendo dizer aquilo que queremos dizer com ela. Se, poeticamente, até mesmo a nossa língua nos é estrangeira, o idioma diferente do nosso, adquirido, desperta uma sensibilidade exótica para o que é em si, por que não, alienígena.

3. Por que um idioma estrangeiro seria perigoso? Por que o risco por ele oferecido seria relevante? Valeria à pena, aceitar o risco da diferença para ganhar as delícias de uma alternativa à realidade? Há algo comum à empregabilidade e à distinção que participa desse perigo. O emprego e a distinção nos oferecem independência à realidade, tal como um novo idioma, ainda que em situações outras. Imagine só, ter a sorte de deter uma diferença desejada, como uma beleza exótica, uma imaginação publicitária, a habilidade de fazer algo útil que poucos conseguem, decifrar tendências etc. Apenas uma dessas qualidades permite que a pessoa consiga viver em qualquer lugar, sem estar à mercê dos inúmeros vínculos de dependência dos quais a sociabilidade depende. Claro, falar inglês, por si só, não permite que ninguém tenha um lugar nesse mundo dentro do mundo, mas por certo é uma condição, ainda que não suficiente. Além do que, o idioma estrangeiro é a parcela de independência a que se pode pertencer, se não vivendo de forma autossuficiente, pelo menos tendo uma via de acesso a obtenção de uma perspectiva emancipada. O perigo? Ué, mesmo sem a sorte de habitar o mundo como a um quintal, saber uma língua estrangeira é ter o estranho despertado dentro de si, como um demônio particular, um grilo falante, a perceber o que todos percebem, mas também de outro jeito, a partir de um ou mais pontos de comparação. Mesmo as palavras mais comuns, as expressões mais singelas, são colocadas em novas situações, em outras bases. Se mais de um idioma é invocado tem-se uma infinidade de estranhas relações entre as palavras, os sentimentos e as situações. Não que o falante de várias línguas exercite a estranheza o tempo todo, mas a perspectiva está sempre lá, nele, latente, como um espírito assediador a sussurrar “é assim porque é aqui, lá é de outro jeito, lá se sente

diferente, os acidentes são outros, não é necessário que sejamos assim".

4. Há perigo porque sendo um estranho que não se parece um estranho, camuflado, como um de nós, aquele que compara uma palavra, uma expressão, guarda nele a capacidade de sugerir, sem que ninguém se dê conta, que as coisas se tornem de outro jeito. Se com um emprego distinto acarreta o risco de exercer esse efeito sobre a vida dos outros que o admiram, sem nada temer, na mais completa autonomia. Mas isso não é bom? Claro, mas nem todo mundo fala um idioma estrangeiro, ou se fala, nem todo mundo se dá conta do estranho dentro da estranheza, logo, apesar da independência, não se apercebe dos efeitos colaterais do manejo da diferença. Afinal, perceber, ou sugerir, que as coisas não precisam ser como são, ou que podem ser diferentes, ocasiona, sem o desenvolvimento de alguma prudência, um infinito mal estar com o mundo em que se está. Mas o perigo vai além disso, porque o perspectivismo ingênuo leva ao mal estar, não só, esse desperta modos de sentir muito piores, como o ressentimento. Há momentos em que o conteúdo do sentimento negativo é justificado, como diante de injustiças profundas, donde é móbil para algum melhoramento social, pelo qual é importante o risco, noutros não, demonstrando apenas incapacidade de lidar com os efeitos de estranheza que uma língua estranha inaugurou. Mesmo assim, se o conteúdo implicado no ressentimento, por vezes, tem razão de ser, ele, nele mesmo, é um círculo vicioso, que, ao perceber a falta de necessidade do mundo, condena-o simplesmente porque lhe parece estranho. Se é compreensível recear o estranho, ao mesmo tempo em que é preciso aprendê-lo, como alheio, para perceber os detalhes do que é familiar, materno, o ressentimento que essa perspectiva torna possível, por si só, não se justifica, porque apenas a condenação do familiar pelo familiar, ou pelo alienígena feito familiar, faz sentido, é preciso um novo idioma para condenar a realidade em que se está, não porque ela não é outra coisa, mas porque a diferença mostra que ela pode ser melhor do que si mesma. Se ela for incapaz, não há nada com o que se ressentir, mas lamentar.

5. A parte estrangeira de nós mesmos é inevitavelmente melancólica. Um idioma estranho faz com que os hábitos pesem sobre nossos dias, contamina-nos com as toxinas exaladas pelo mofo escuro e pelo tédio. Não há novidade nisso, nem há problema. Na verdade, mais deve a beleza à melancolia do que a qualquer outro tipo de afeto. Mas ela não é só uma sensibilidade especial da qual se alimenta a diferença. A melancolia é também intolerância à melancolia e a intolerância à melancolia é o ressentimento. Nele mora uma imensa potência de apresentar o mundo em termos adequados, mais atentos e dedicados, porque, movendo-se em um idioma outro à localidade que o incomoda, aprendido adulto, revisita a linguagem na qual se insere no dia a dia. No ressentimento, entretanto, mora também a indisposição com toda perspectiva estranha que não a adotada para ressentir, a insatisfação com toda a diferença que não aquela usada para sair do mundo imediato, donde a imensa facilidade do ressentimento para criar laços duradouros. Não é tão simplório quanto dizer que o ódio aproxima as pessoas, mas que o apaixonamento por uma perspectiva estranha, que evita outros tipos de alheamento, permite a cumplicidade entre duas pessoas que se recusam a falar outra língua, muito embora o idioma que falem nem seja aquele que lhes é materno, nem seja o do lugar onde estão. É como compartilhar um trauma, mas em oposição a todos os outros. A melancolia não leva necessariamente ao ressentimento, mas é a sua condição. Além do que, o ressentimento é o modo mais eficiente de escapar da inatividade melancólica, tornando o sentimento negativo em energia contra o mundo ou a favor de certa diferença.

6. A arte contemporânea é uma língua estrangeira. Uma vez que ela não tem uma nação, sendo essa, talvez, uma das suas maiores virtudes, é sempre um idioma aprendido adulto, seja lá onde for falada. Essa é uma clara distinção entre a arte contemporânea e a arte em geral. Ela é uma língua em que inadequados do mundo todo podem se comunicar. Isso permite que os falantes disponham de um vocabulário comum, mas que falhem ao se referirem à problemas locais uns para os outros. Isso porque cada um vem de um contexto

diferente. As pessoas buscam aprender a arte contemporânea em virtude de problemas locais, mas ela mesma é uma língua estranha geral utilizada para que diferentes comuniquem o que os outros só entendem, via de regra, alusivamente. Não é bem certo dizer se a melancolia leva aos idiomas estrangeiros ou se a perspectiva estranha inaugura a melancolia, na maior parte das vezes, a língua alienígena é aprendida na adolescência, fase, em si mesma, anômala da vida. O mercado de arte contemporânea, na verdade, absorve o local passível de alguma sensação de compreensão geral, momentos em que as pessoas se convencem da existência de uma analogia mais ou menos adequada, ainda que haja muita confusão sobre os referentes. É por isso que é o caso de dizer que a arte contemporânea, apesar de um idioma geral, não é, nem deveria se pretender, uma linguagem universal, como foi o caso da arte do renascimento ou da arte moderna. Ela é uma linguagem dos problemas locais que comunica para um público mais amplo aquilo sobre o que o idioma materno resiste em conseguir dizer. Nada mais compreensível que as comunidades, quão mais apegadas às suas tradições, menos disponíveis estejam ao que a arte contemporânea tem para dizer. O artista, com essa língua diferente que ele aprende, passa a sugerir, por experiências e objetos, o campo semântico no qual está o evento sobre o qual se reporta e sobre o qual o distante não tem como saber o que é, mas é capaz de entender as coordenadas. Trata-se de uma comunicação geral inexata sobre fraturas locais. Se falada de modo ingênuo, torna-se, ou universalista, ou seja, sem razão de ser, ou um esperanto dos sentimentos ruins. Por que então se deveria dar atenção à arte contemporânea? Ora, como uma língua outra, inventa condições de autonomia, seja para encontrar outros falantes, seja para existir para além da comunidade à qual se pertence, confere meios para perceber a realidade de forma incomum, obtendo elementos de contraste, oferece uma via de acesso para a compreensão da melancolia e do evitamento intolerante a ela, contribuindo para o desenvolvimento de formas de autoconsciência. Se não somos imediatamente seduzidos pelo seu ressentimento, ela se torna um idioma precioso para melhorarmos as formas como nos relacionamos e vivemos.

7. Não é justo responsabilizar os idiomas estranhos pela melancolia que nos fazem sentir, talvez nem mesmo pelo ressentimento que despertam em alguns. Não teríamos visto nada sem eles. A maior das derrotas parece se dar ao perdermos a consciência de que é o ressentimento falando, de não nos darmos conta de que se trata de um artifício da atividade e não do mundo mesmo, pelo menos não segundo a ênfase de um sentir negativo em detrimento de todas os outros. É claro que há formas estranhas de ver sem que as toxinas da melancolia sejam tão danosas. Elas parecem ser as mais recomendáveis, mas dela não trataremos. E são a única alternativa, uma vez que é insuportável mergulhar no ressentimento e tê-los todos ao mesmo tempo, como numa torre de Babel. No mais das vezes, esforçamo-nos para aprender uma nova língua em função do desamparo sentido na vivência do nosso próprio idioma. A ironia é que mergulhar no outro, para escaparmos de nós mesmos, do efeito de captura da realidade próxima, ao mesmo tempo em que nos liberta, num certo sentido, faz as vilosidades da melancolia se tornarem mais sofisticadas, com isso, também as do ressentimento. Nada mais sedutor do que um ressentimento convicto. A vantagem da arte contemporânea sobre todas as outras línguas estrangeiras é que nela o ressentimento surge como obra de arte. Ainda que não se goste dela, num primeiro momento, há que se reconhecer a vantagem do mau sentimento elaborado em objeto, poema, e não simplesmente veiculado como discurso. Até porque, os ressentimentos podem até ser partícipes da mesma intolerância à melancolia, mas eles não se equivalem. O momento em que a elaboração torna possível lidar com o afeto para além da sua captação de adeptos, ela se expõe a ter o seu núcleo melancólico conhecido, quem sabe, até mesmo, o seu sentimento negativo inativado. No mundo contemporâneo só a arte contemporânea tem sido capaz disso.

Mensagens e Depoimentos

Nesta seção do livro, apresentamos as mensagens e depoimentos enviados por nossos colaboradores administrativos, docentes, membros da Diretoria, integrantes da Comissão Cultural e da Galeria de Arte Ibeu.



Diretoria Ibeu

Depoimentos de membros da Diretoria do Ibeu

Pois é: o jovem IBEU está completando 85 anos. Por que jovem: porque o IBEU está sempre se renovando: novo ambiente, permanente atualização de métodos e equipamentos para o ensino de línguas estrangeiras.

Diferentemente de alguns de meus colegas, não fui aluno do IBEU. Mas também de nenhum outro curso de Inglês. Meu aprendizado formal da língua ocorreu somente no curso secundário – antigo ginásial – nos idos de meados da década de 1940. Bons tempos! O conhecimento ali adquirido me habilitou a, em 1957, ganhar uma bolsa para estudar nos Estados Unidos. Mais precisamente, na University of Southern California. A partir daí, meu desembarço no manejo do idioma deu-se por muita leitura e muitas oportunidades de praticar no ambiente de trabalho. Em oposição a mim, minha falecida mulher, Cybele, já era aluna do IBEU quando, no final dos anos 50, nos conhecemos, noivamos e casamos. Ela estudou numa filial no centro da cidade, de cujo endereço não me recordo. Mas lembro bem da cerimônia de encerramento dos cursos, realizada no teatro da Maison de France.

Naquela época, o aluno que tivesse um excelente desempenho e frequência ganhava a gratuidade do curso. E foi assim que ela passou quase todos os seus anos de IBEU. Passa-se mais um tempinho e fomos ambos agraciados com nova bolsa de estudos,

agora na Inglaterra, na Universidade de Cambridge. Lá, Cybele fez a Cambridge Proficiency Examination, habilitando-se a ensinar inglês no curso secundário. O que fez até aposentar-se.

Meu ingresso na administração IBEU se deu quando fui designado membro da Comissão Financeira. Posteriormente fui eleito para a Diretoria, primeiramente com o cargo de Segundo Tesoureiro, passando mais tarde para Primeiro Tesoureiro. Nessas funções, dada minha experiência profissional no sistema financeiro, fiquei com a responsabilidade de orientar as aplicações financeiras do Fundo Patrimonial e demais recursos disponíveis.

Foi uma bela temporada. Mas, infelizmente - como diz o ditado popular - o que é bom dura pouco. Veio a crise econômica no País. Mas graças aos recursos amealhados anteriormente, pudemos resistir a essa situação adversa e hoje olhar para o futuro com melhores perspectivas, convictos de que ainda iremos comemorar muitos e muitos outros anos de nosso IBEU, sempre oferecendo aos nossos alunos o melhor ensinamento da língua inglesa.

José Luiz Silveira Miranda
Diretor do Ibeu

Diretoria Ibeu

O IBEU faz 85 anos, e eu 83. Somos quase da mesma idade. Como o conheci aos 17, posso dizer que convivemos há 66 anos! Como toda convivência, com altos e baixos. Às vezes gratificante, às vezes frustrante.

Aqui aportei atraído por um programa de bolsas de estudo conduzido pelo American Field Service. O AFS nasceu durante a primeira guerra mundial, formado por um grupo de voluntários que dirigia ambulâncias em apoio às tropas aliadas. Terminada a guerra, embalado pelo propósito de promover melhor entendimento entre os povos, o que teoricamente poderia ser alcançado através do intercâmbio entre pessoas de diferentes nacionalidades e culturas, o AFS trouxe a ideia do "exchange program" -- estrangeiros estudariam nos Estados Unidos e americanos iriam à escola em outros países, de língua inglesa ou não, como o caso do Brasil.

Pois justamente o IBEU foi o parceiro escolhido para selecionar o primeiro grupo de adolescentes brasileiros a disputar bolsas AFS para o ano "senior" em High Schools americanas. Concurso de âmbito nacional, conduzido pela Comissão de Bolsas do IBEU, e bolsas integrais --"tuition, room and board". No caso, "room and board" oferecido por famílias americanas que acolhiam os bolsistas em suas casas.

E assim, depois de testes e entrevistas, no IBEU e no Consulado Americano no Rio de Janeiro, lá fomos nós, que a foto mostra preparados para embarcar. Meton Porto Gadelha de óculos escuros e eu na outra

ponta, possivelmente envergando meu primeiro terno. Meton foi para a Califórnia, aonde chegou em pleno terremoto, e eu para Minnesota.



Longa viagem: Rio, Panamá, Nova York, depois ônibus e, após várias baldeações, Thief River Falls, cerca de 150 km ao sul da fronteira canadense.

À espera, na rodoviária, o sorriso encantador de Roy e Marie Barzen, que seriam meus pais em TRF e Frank, meu irmão.

Sempre tive alguma intimidade com a língua inglesa, que estudava no Colégio Mello e Souza e minha mãe aprimorava em casa. Também, é claro, com a música, o cinema, a literatura, as histórias de Jack London, a música das "big bands" americanas, o twist, o rock & roll, os filmes de Ava Gardner e Clark Gable.

Thief River Falls era uma cidadezinha de aproximadamente dez mil habitantes, típica "main street town". Banhada pelo Thief River, em meio a um belo cenário rural,

algumas tribos indígenas, a rua principal com um cinema, duas ou três lanchonetes, um hotel, várias igrejas e, o mais importante de tudo: Lincoln High School.

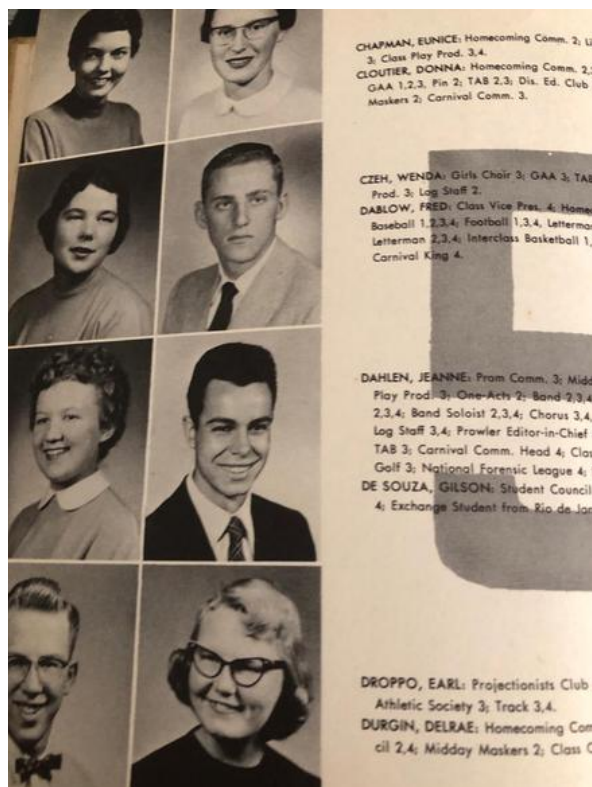


A assimilação foi muito fácil. Não apenas pelo ambiente amistoso que encontrei, como possivelmente pela curiosidade que despertei, sendo o único estrangeiro na escola e único latino numa comunidade de ascendência norueguesa. Notem aí à direita os sobrenomes de alguns de meus colegas de turma: Chapman, Cloutier, Czeh, Dablow, Dahlen, Droppo, Durgin...

Fui eleito Vice-Presidente do Student Council, o que me deu a oportunidade de sempre acompanhar os times da escola nos vários campeonatos de que participavam, tanto esportivos quanto acadêmicos. Minnesota é conhecido como o "o estado dos dez mil lagos" e tanto viajei, nessas caravanas através do estado, que devo ter conhecido pelo menos uns nove mil...

De volta ao Brasil sobraçando meu diploma da Lincoln High School, tinha certa dificuldade em falar o português. Na verdade, como havia saído daqui na metade do segundo grau, e me formei nos Estados Unidos com seis meses de antecipação, precisei tomar aulas, de modo a me habilitar a fazer o vestibular para o curso de Direito na PUC.

Lá pelo final do século XIX, um polonês, médico e estudioso de línguas, desenvolveu o Esperanto. Com gramática simplificada e utilizando raízes das línguas europeias mais faladas, a expectativa era de que o Esperanto se tornasse a língua da comunicação internacional.



Só que, inicialmente devido à expansão do Império Britânico e, após, às guerras que assolaram a primeira metade do século XX, o inglês substituiu o alemão como língua dominante na pesquisa científica e, depois, atingiu paridade com o francês como língua diplomática. A partir daí, com a abertura cultural, comercial e industrial que o mundo experimentou, o inglês passou a cumprir o papel antes pensado para o Esperanto: a língua da comunicação.

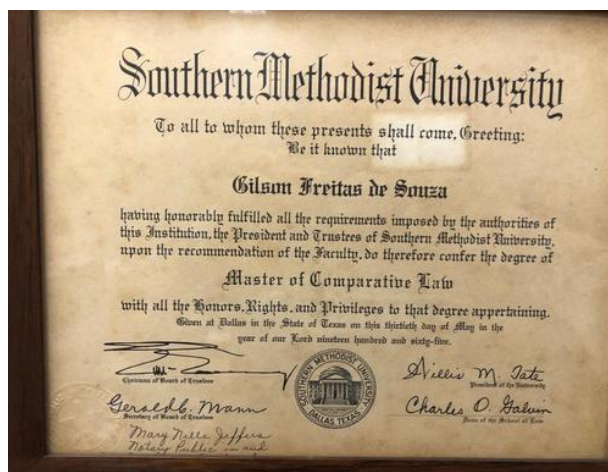
Como diz o Dr. Thomas Finbow, da USP, "não é o sistema morfológico ou a estrutura gramatical, é uma questão de prestígio e poder". Colocada a língua nesse contexto, é até possível que, no futuro, todos venhamos a estudar o Mandarim, como nossos pais e avós estudaram o Francês. Hoje, porém, ainda que a China seja o principal parceiro comercial do Brasil, é com o Inglês que nos comunicamos, até nas negociações com os chineses...

Pois bem.

Formado em Direito pela PUC, já trabalhando como estagiário, eis que surge outro concurso público, dessa vez para duas bolsas de mestrado em Direito Comparado, prospectadas pelo IIE-Institute of International Education: uma para a New York University (NYU), outra para a Southern Methodist University (SMU). Mais uma vez a Comissão de Bolsas do IBEU é encarregada de fazer a seleção, a nível nacional, e dois candidatos do Rio recebem as bolsas: eu, que optei pela SMU, e na NYU João Geraldo Piquet Carneiro, futuro Presidente da Comissão de Ética da

Presidência da República e hoje prestigioso advogado em Brasília.

Foi esse diploma da SMU que me pavimentou o caminho profissional, inicialmente em *Camargo, Neves, Salgado & Correa Lino*, um dos precursores da advocacia empresarial, e hoje em meu Escritório, *Tavares, Matteoni, Freitas de Souza e Figueira de Mello - Advogados Associados*, no qual há mais de quarenta anos praticamos o mesmo tipo de advocacia.



Isso, sem contar experiências profissionais agregadas, seja na Câmara Americana de Comércio, da qual sou Associado Honorário e Diretor ex-officio seja como tendo exercido cargos de diretor e conselheiro em várias empresas estrangeiras, em especial americanas.

É de se notar que, ao longo deste relato, sobressaem, em primeiro lugar a língua inglesa e, como seu coadjuvante, veículo, suporte, o IBEU.



IBEU que conheci quando seu único concorrente era a Cultura Inglesa e o aluno era estimulado a escolher entre o sotaque americano e o britânico; quando o mercado do ensino de línguas era, portanto, digamos, paroquial, ainda não servido pelos grandes cursos hoje disponíveis. Era também o tempo da presidência do Dr. Murillo Belchior, ilustre cardiologista que dedicava a tarde ao consultório e as manhãs -- todas as manhãs -- durante vinte e cinco anos, ao IBEU. O tempo de Ary Ferreira de Macedo, mecenas das artes plásticas, Diretor da Cia. Atlantic de Petróleo e Conselheiro do IBEU, o qual me convidou para a Diretoria quando o Dr. Murillo lhe pediu a indicação para ocupar uma vaga.

E assim prossegui no IBEU. Ora na Diretoria, ora no Conselho. Simplesmente participando ou presidindo Comissões. Colaborando na Diretoria do Presidente Jerzy Lepecki, que trouxe sua experiência como criador e dirigente do Centro de Pesquisas de Energia Elétrica - CEPEL, do sistema Eletrobrás, hoje uma referência mundial; na Diretoria do

Presidente Italo Mazzonei, em cujo mandato foi substancialmente ampliado o patrimônio imobiliário da Instituição. Atualmente, coordeno a Comissão de Assuntos Jurídicos.

O tempo atual já é o tempo futuro. Sob o comando do Presidente José Luiz Lopes da Silva, os 85 anos marcam o novo tempo do IBEU: empenhado em modernizar-se, atualizar-se, adotar novas práticas de ensino, novas estruturas funcionais e reafirmar o compromisso de fazê-lo de acordo com a melhor técnica e segundo os mais elevados preceitos da ética corporativa. O IBEU que agora visa às comemorações do centenário, aonde chegará "top notch", como é de sua vocação.



Gilson Freitas de Souza
Coordenador da Comissão de Assuntos Jurídicos do Ibeu

Diretoria Ibeu

A oportunidade que me reserva esse momento, onde se registra a memória de uma instituição com 85 anos de existência, cuja comemoração define sua própria razão de existir, me traz à memória a lembrança do meu nome para integrar a Diretoria do IBEU.

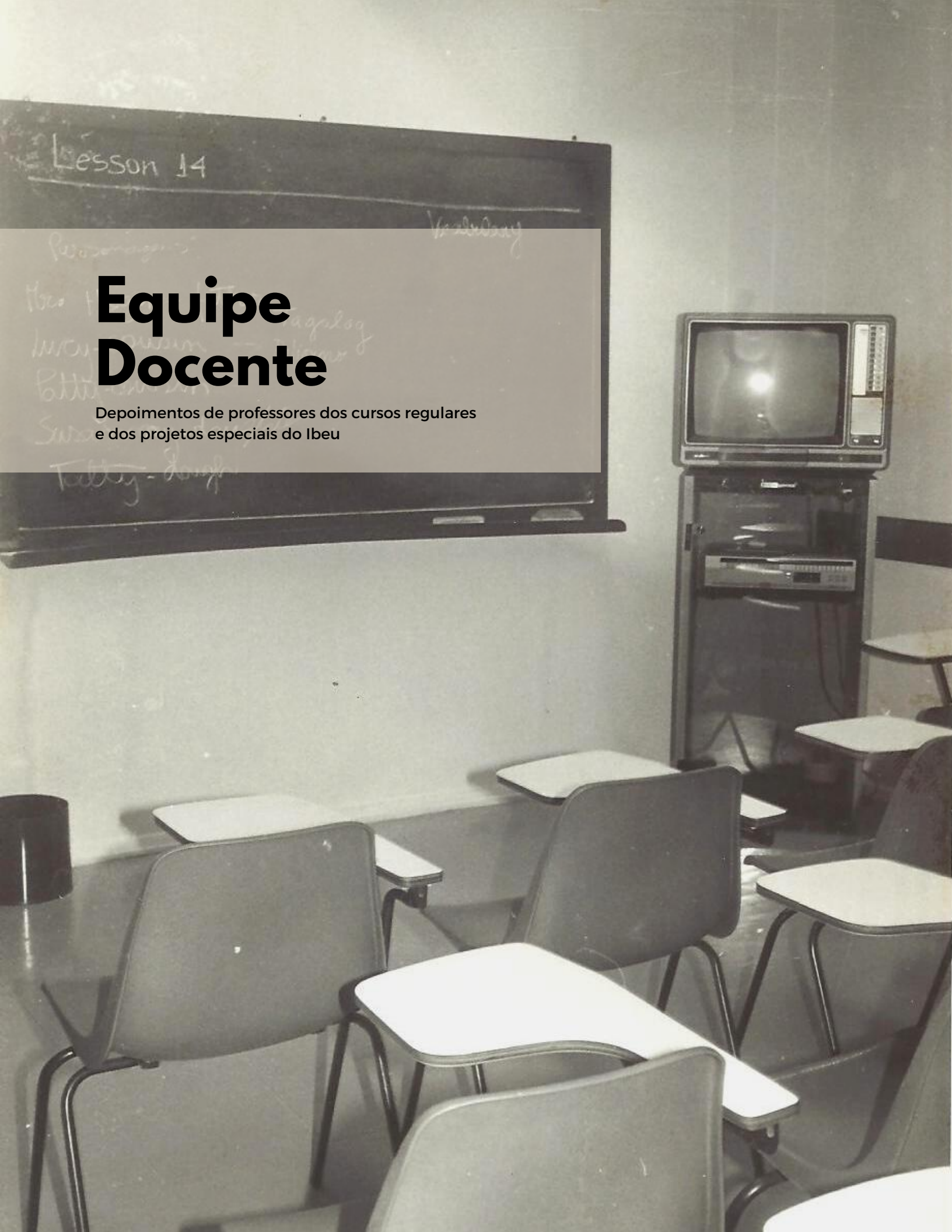
Naquele saudoso momento de 2006, abria-se uma porta em minha vida dedicada ao ensino, a possibilidade de aprender e vivenciar a competência que me apresentavam os integrantes do quadro funcional de ensino da instituição.

Professores e dirigentes que me agregaram não só conhecimento, mas a certeza da minha gratidão pela oportunidade que se apresentava. Foram anos que, agregados de debates em clima de muita harmonia, concretizavam soluções e caminhos que consolidavam a presença do IBEU junto à comunidade, o merecido prestígio da sua solidez, competência e harmonia com a seriedade de seu compromisso com o processo de ensino-aprendizagem.

Deixo aqui o meu agradecimento àqueles que me proporcionaram integrar a Instituição, tanto quanto ao IBEU, porquanto acrescentou à minha vida, concedendo-me a oportunidade de estar presente nesse momento especial!



Sergio de Moraes Dias
Diretor Acadêmico



Lesson 14

Vocabulary

Equipe Docente

Depoimentos de professores dos cursos regulares e dos projetos especiais do Ibeu

Equipe Docente

Já faz alguns anos que trabalho como professora na filial Copacabana. Algo que sempre me chama atenção aqui é o quão parceiro e coeso o grupo é, uma vez que todos os funcionários se ajudam e trabalham bem juntos. Por conta disso, sempre estamos pensando em algum evento para animar a filial.

Uma celebração que tentamos nunca deixar passar em branco é o Halloween - já tivemos decoração de portas, concurso de maquiagem, jogos de tabuleiro, escape rooms, caça ao tesouro, trick or treat e muito mais.

No entanto, nunca esquecerei o que fizemos em 2019: uma gincana, envolvendo todas as turmas. Uma das atividades precisava que todos os alunos estivessem juntos na mesma sala (temos uma bem grande, a 401). Em um determinado horário, acredito que chegamos a ter perto de 80 alunos lá. Foi uma bagunça, mas posso afirmar que todo mundo se divertiu muito!

Um abraço apertado a todos que fazem e fizeram parte da história do Ibeu. Vamos juntos!

Aline Danieli

Professora da Filial Copacabana

Entrei no Ibeu em 2017 e, pra mim, a experiência de trabalhar aqui tem sido muito gratificante. Agradeço a todas as pessoas que trabalham comigo e, principalmente, aos meus alunos, por fazerem os meus dias melhores, desde o dia em que eu comecei a minha caminhada aqui. Feliz aniversário, Ibeu!

Aline de Almeida Fernandes

Professora da Filial Tijuca 1

Equipe Docente

A minha história com o Ibeu é repleta de emoção e gratidão. Minha mãe, Maria Cristina Porto Rocha Rosário, formou-se na Filial Tijuca 1, onde ingressei como aluno aos sete anos e me apaixonei pelo Ibeu e pela língua inglesa. Há mais de dez anos, sou professor no Ibeu, onde fui recebido por uma equipe pra lá de especial. Venho aprendendo muito nesta Instituição que investe tanto em seus professores, com treinamento e desenvolvimento profissional de excelente qualidade. Vários colegas que vim conhecendo tornaram-se amigos especiais. Neste aniversário de 85 anos, desejo ao Ibeu ainda mais prestígio, o qual é muito merecido pela diferença que vem fazendo, transformando a vida de tantas pessoas, além de prestar um ensino de excelência.

Ary Rosário
Professor

Que emoção poder participar do livro desse aniversariante tão querido pra mim.

Minha história com o Ibeu começou há quase 12 anos e são tantas lembranças que precisaria de outro livro para descrever.

Muitas pessoas não acreditam quando falo que trabalho em uma empresa que sempre procura fazer o melhor para os professores e onde tenho um ótimo ambiente de trabalho, além dos amigos que fiz com o passar dos anos e dos amigos que faço a cada semestre.

Nesse ano de pandemia e tanto isolamento, pude sentir como fui preparada pelo Ibeu e toda a sua equipe para tudo o que iria enfrentar durante todo o ano de 2020, além de ter tido oportunidades para meu crescimento profissional. Serei sempre grata.

Obrigada e parabéns Ibeu por esses 85 anos!!!

Carla Ribera
Professora da Filial Recreio e do Ibeu @ Home

Equipe Docente

Meu nome é David Finn. Sou professor do Ibeu desde 2010 mas a minha história com a entidade começou bem antes. Na verdade, o Ibeu já faz parte da história da minha família há muito tempo. Isso porque meu querido pai, Patrick Finn, (que agora está no céu tomando conta de sua esposa, filhos e netos no plano espiritual) lecionou aqui durante muitos anos. Pertinente dizer que ele lecionou na mesma filial, nossa querida Tijuca 1, onde eu atualmente trabalho. Minha carreira no Ibeu teve início na filial Barra e posteriormente tive o prazer e o privilégio de ter sido transferido para a Tijuca.

Devo dizer também que algumas pessoas do Departamento Acadêmico, pessoas maravilhosas e as quais eu muito admiro e respeito, foram alunas do meu amado pai. Patrícia Martins e Samara Camillo foram suas alunas. Penso ser interessante mencionar também que a antiga Gerente da filial Tijuca 1, Dayse Lourenço, também pode usufruir dos ensinamentos proferidos por ele.

Posteriormente, minha sobrinha e afilhada Jéssica também, estudou na filial Tijuca 1, tendo concluído o curso regular e logo em seguida obtido sucesso no ECPE de Michigan.

Achei que valeria a pena deixar você ciente dessa história de muito carinho, respeito e admiração pela entidade e, em especial, pela filial Tijuca 1.

David James Finn
Professor da Filial Tijuca 1

Trabalhando no Ibeu desde 2008, tenho não só adquirido experiência profissional, mas também construído relacionamentos preciosos. Sinto-me acolhido o tempo todo. A habilidade, determinação e resiliência da Instituição, principalmente face à crise perpetrada pela pandemia do coronavírus, explicam a razão de estarmos há mais de oitenta anos no mercado. Sou imensamente grato ao Ibeu por todas as oportunidades de desenvolvimento profissional, bem como pelos amigos que tenho feito por aqui. Enfim, sou grato por integrar esse time de ouro, e pelo legado que para sempre levarei. Parabéns Ibeu. Longa vida a ti!

Francisco Galdino Silva da Costa
Professor das Filiais Freguesia e Recreio

Equipe Docente

Foi do Departamento Acadêmico do Ibeu que veio a oportunidade de fazer meu primeiro curso de desenvolvimento profissional fora do país. E a recomendação de uma pós-graduação. E o encorajamento para me apresentar em conferências. E o apoio que me trouxe ao curso de Mestrado.

Foi na Sala dos Professores de uma filial do Ibeu que conheci minha mulher. Anos depois, foi nessa mesma sala que escolhemos o nome da nossa filha. É por essa mesma filial que a criança de quatro anos de idade corre hoje, vinda da creche, esperando com um de nós o outro acabar sua aula.

Profissionalmente e pessoalmente, a minha história, assim como as histórias de tantos de nós, jamais teria tido muitos de seus melhores momentos sem o Ibeu.

Hugo Dart

Professor das filiais Tijuca 1, Tijuca 2 e do High School

O Ibeu e eu temos uma história de quase dez anos. Deixei meu primeiro emprego para uma oportunidade única - o melhor curso de inglês do Rio e da família dos meus alunos contemplados com o projeto Ibeu-Prefeitura do Rio. O Ibeu tem mudado a história de muitos e, de verdade, o Ibeu faz bem!

Jaqueline de Oliveira Azevedo Manaia de Souza

Professora do convênio Ibeu Prefeitura

Equipe Docente

Se eu disser que o Ibeu construiu a pessoa que sou hoje, não estarei mentindo. Aos treze anos de idade, lá em 2008, comecei a participar do projeto “Ibeu Faz Bem”. Nele, reconheci que a língua inglesa existia e me conectei com ela. Tamanha conexão, que fui indicada a participar da primeira turma English Access Microscholarship Program, turma que concluiu os estudos em 2012. Após essas oportunidades, novas bolsas de estudos surgiram e terminei o curso avançado em 2015. O Ibeu abriu as portas para que eu ingressasse na universidade pública (Letras - Uerj, 2014), me tornasse uma Disney Alumni (2018) e, por fim, mas extremamente importante, me tornasse professora (em 2019) tanto das filiais quanto do projeto no qual comecei. O Ibeu faz parte da minha história, ocupa papel fundamental na minha construção como ser humano e profissional. Dos 26 anos que tenho, o Ibeu faz parte de treze deles.

Jessica Siqueira Alvarenga

Professora das filiais Nova América e Tijuca 2 e do convênio Ibeu-Prefeitura

Comecei a estudar no Ibeu entre 1995 e 1998 no curso Standard. Estudei em várias filiais, como Méier, Tijuca 1, Madureira e Tijuca 2. Entre 1998 e 2000, atuei Student helper, ajudando os alunos e professores nos intervalos, e continuando meus estudos nos cursos de tradução e no preparatório para o Michigan e TTC. No Ano 2000, tive o prazer de ser convidado para ser secretário administrativo em Filial, o que foi meu primeiro emprego. Em 2001 fiz o exame de Michigan ECPE na Tijuca 2 (sala 08) sendo o mesmo aplicado pelo Gerente e Prof. Negrito. Conquistei essa vitória de obter esse tão requisitado certificado graças aos excelentes professores que tive aqui no Ibeu e com bastante estudo e dedicação. Em 2008, saí para trabalhar em outros locais, mas em 2011 retornei a essa renomada instituição para trabalhar como professor e, para minha surpresa, minha primeira aula lecionada foi na sala 08 da filial Tijuca 2, filial onde leciono até hoje, mais de 10 anos depois.

No Ibeu, eu posso dizer que eu realmente vivi a história da minha vida.

Ah, e para completar a minha vivência no Ibeu, tive o prazer de reencontrar em 2021, uma aluna minha de Basic 1 e Basic 2, a Jessica, que hoje é professora e também leciona no Ibeu Tijuca 2.

Rafael Brasil Ferreira

Professor da Filial Tijuca 2

Equipe Docente

Sempre tive o sonho de trabalhar no Ibeu. Essa oportunidade apareceu meses depois que tive minha filha caçula Fernanda. Recebi dois presentes! Trabalho há mais de 10 anos no convênio Ibeu-Prefeitura. Ao longo desses 10 anos pude ver a realidade de alunos carentes ser transformada a partir do contato com a língua estrangeira. Que benção poder participar desse projeto que verdadeiramente transforma vidas. Hoje tenho um ex-aluno do projeto que está estudando letras e em breve será meu colega de profissão. Que incrível!

Parabéns Ibeu por 85 anos de muito trabalho e realizações de sonhos e projetos!

Paula Canellas Palma dos Santos
Professora do convênio Ibeu-Prefeitura

Minha mãe estudou no Ibeu na década de 1970 e sempre entendeu a importância de estudar inglês. Quando eu tinha seis anos de idade, ela me matriculou no Ibeu de Copacabana no primeiro nível disponível: Kids 1. De 2003 a 2012, o Ibeu foi minha segunda casa, onde passei grande parte da infância e adolescência me apaixonando pela língua inglesa e sua respectiva cultura e literatura. Durante esse período, ao ser perguntada sobre o que eu gostaria de ser quando crescesse, minha resposta sempre era "quero ser professora no Ibeu".

Em 2018, já na graduação em Letras Inglês/Literaturas na Uerj, parte desse sonho se tornou realidade quando voltei ao Ibeu como estagiária e pude finalmente ter um gostinho de como era viver aquilo que eu idealizei por tantos anos. Em 2020, formada, conquistei meu primeiro emprego: professora no Ibeu. Hoje em sala de aula, busco levar para meus alunos a mesma alegria e paixão que me fez querer seguir esse caminho como uma carreira.

Rafaela Lomba Bartolamei
Professora da Filial Leblon

Equipe Docente

Minha vida se divide entre o pré e o pós Ibeu. Isso porque o curso mudou totalmente a minha visão de mundo. Participar do projeto Ibeu-Prefeitura, principalmente na escola Leonor Coelho no Complexo da Penha, tem sido um aprendizado constante que vai muito além da sala de aula. Devo muito da minha evolução ao Ibeu, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Sou grata por trabalhar num local sério e respeitado, sempre preocupado com o ensino de qualidade.

Renata Walcarengi Marra
Professora da Filial Barra

Quando o Ibeu completar 85 anos, eu terei trabalhado aqui por cinco anos seguidos - uma gota num oceano. Mas, por incrível que pareça, essa gota faz onda nesse mar de boas experiências que o Ibeu proporciona às pessoas que trabalham ou estudam aqui. Pessoalmente, aprendo muito com meus colegas de trabalho e com minhas chefias. Além disso, o contato com os alunos em sala de aula é um dos momentos mais especiais de todo o trabalho. As vivências e trocas são valiosíssimas, não apenas no que tange ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das habilidades comunicativas em inglês, mas também no tocante ao amadurecimento cognitivo-afetivo dos envolvidos. Meu sincero desejo é que o Ibeu continue voando alto em direção ao seu primeiro século de existência. Serão apenas mais 15 anos até lá. Não há dúvidas de que veremos muitas mudanças em quase tudo o que fazemos. Essa é a dinâmica da vida, especialmente depois da pandemia vivida desde 2019. As únicas coisas que não podem e que jamais devem mudar são o compromisso com a inovação e com a qualidade do serviço prestado, assim como a nobreza que caracteriza nossas relações interpessoais em todos os espaços de atuação nessa Casa. Parabéns a todas as pessoas - inclusive, in memoriam - que fizeram do Ibeu o que ele foi e continua sendo nessa belíssima jornada de 85 anos.

Sergio Rodrigues Viula
Professor da Filial Nova América

Equipe Docente

Sou professora do Projeto Ibeu Faz Bem e posso dizer que nada mais me faz tão feliz e completa quanto trabalhar com meus alunos da Prefeitura. Eles são os mais doces, educados e dedicados que eu tenho, sempre interessados e participativos, e, mesmo nesse ano afastados por conta do COVID, não cansam de dizer o quanto sentem minha falta e estão ansiosos pelo retorno presencial, sempre perguntando quando voltaremos. Toda aula temos uma troca legal sobre assuntos extra-classe e isso sempre torna as aulas mais divertidas e leves.

Deixo meu recado a todos os professores que tentem participar do projeto para terem a melhor experiência da sua vida profissional e aprender com eles e também meu agradecimento ao Ibeu pela oportunidade em fazer parte desse projeto lindo e edificante!

Taissa Villaça Machado

Professora do convênio Ibeu-Prefeitura

Trabalhar para o Ibeu me fez abrir horizontes, ampliar meu conhecimento e também me estimulou a iniciar o mestrado em Linguística. O crescimento profissional tem sido intenso e gratificante ao longo desses seis anos como professora. Sou muito grata a esta empresa.

Viviane Caldas

Professora

Equipe Administrativa

Depoimentos de colaboradores e funcionários das Filiais e da Sede Administrativa do Ibeu



Equipe Administrativa

Outubro de 2001. E o Yamandu Costa, uma das estrelas do Free Jazz Festival na época, foi convidado pela área Cultural para tocar nos palcos do Ibeu.

Foi assim um dos meus primeiros dias de trabalho. Lembro que o auditório ficou tão lotado que havia pessoas sentadas no chão. E eu, encantada em assistir tão de perto à apresentação de um gênio da música.

Desde então, ao longo desses 20 anos, vivi muitas experiências bacanas: comemorei os 10 anos do Ibeu Rock Festival com os Detonautas no Circo Voador, vi a Maria Gadu dar um show com seu violão, conheci um ex-astronauta da Nasa que já foi à lua, lancei diversas campanhas de matrícula e de produto, divulguei a inauguração de várias filiais etc., além de toda a dinâmica da área de Marketing.

E o Ibeu também faz parte da minha história: foi aqui nessa casa que a minha filha mais velha se formou em inglês e a minha mais nova está aprendendo o idioma.

Fico muito feliz de poder comemorar os 85 anos dessa marca. Afinal, nós é que continuamos a construí-la diariamente.

Vida longa ao Ibeu!

Adriana Calainho
Gerente de Marketing

Faço parte do quadro de funcionários do Ibeu desde 2006. Comecei como student helper na unidade do Ibeu na Tijuca 2. Na época surgiu uma vaga de secretário e a gerente Regina Fendt me entrevistou e me contratou. Quatro anos depois surgiu uma vaga na área de Marketing, na sede, onde permaneço até hoje, e, de secretário, fui promovido a Assistente de Marketing. Como sou o tipo de funcionário que está sempre buscando novos desafios, surgiu a oportunidade de dar apoio na área de Design Gráfico. Fiz uma faculdade de Design e estou há 3 anos construindo e me desenvolvendo na área e contribuindo para essa instituição. Como student helper, como secretário, como Assistente de Marketing ou como Designer Gráfico, com muito orgulho, agradeço ao Ibeu por toda oportunidade.

Alex Camelo
Designer Gráfico do Departamento de Marketing

Equipe Administrativa

Comecei a trabalhar no Ibeu em 2019 após longos anos de trabalho na concorrência. Desde o primeiro contato com a superintendente de operações e entrevista com o superintendente geral me senti muito à vontade. O bate papo fluiu como se estivesse na sala de casa conversando com conhecidos de longa data. Esse sentimento carrego comigo até hoje. Quase 3 anos se passaram e nunca me arrependi da escolha de trabalhar no Ibeu. Me levanto feliz todos os dias com a perspectiva de enfrentar mais um dia de trabalho, com todos os desafios que o gerente de uma filial precisa lidar. Sinto-me acolhida, respeitada e ouvida pelos meus colegas, equipes e gestores. Admiro e acredito muito nesta empresa séria, correta e que, principalmente, valoriza a entrega de um serviço de qualidade. Desejo vida longa ao Ibeu e espero fazer parte desta história por muitos e muitos anos.

Andrea Maria Fontes Feres Ferreira
Gerente das Filiais Icarai e Ilha do Governador

Nossos caminhos se cruzaram, há quase cinco anos, logo após curtir um post de comemoração dos seus 80 anos! O aniversário era do Ibeu, mas o presente foi meu!!

Tenho muito orgulho de fazer parte desse time e espero poder contribuir cada vez mais para que a nossa história seja sempre de muito sucesso! Parabéns pelos seus 85 anos!!

Beth Motta
Assistente Administrativo - Superintendência Acadêmica

Equipe Administrativa

Comecei a trabalhar no Ibeu na filial Jardim Botânico, com a gerente Cíntia. Foi no início dos anos 2000. Eu era terceirizado. Alguns anos depois, tive a chance de ser contratado para trabalhar em Copacabana. Estou aqui até hoje.

Sempre gostei de música, a música me alimenta, por isso fiquei muito feliz quando trabalhei com a dona Renata no Cultural e na Galeria de Arte. Sinto saudade de todo mundo, da Paulinha, da Fabiana, do Francisco, tanta gente boa que trabalhou aqui.

Também fiz muitos amigos na Copa e nos eventos do Ibeu: Raquel, Cris...

Trabalhei no andar do setor acadêmico, lembro de muitos colegas e superiores, Alice Santos, Claudinha, Elisa Borges, Marcinha Pedrosa...

Lembro com saudade das festas de aniversário e dos eventos da diretoria, do seu Ítalo, da dona Sandra Mara...

Meus amigos de cada dia, Geiza, Rose, Kátia... O Ibeu me deu muitos amigos! Também gostei muito de conhecer a dona Sônia e a Neli, dos elevadores, a Perpétua e seu José, da portaria, são todos grandes amigos.

Já são mais de dez anos de trabalho e alegria! Feliz aniversário, Ibeu! Parabéns!

Elmo dos Santos de Oliveira

Auxiliar de Serviços Gerais - Ibeu Copacabana

Cheguei no IBEU há 11 anos e fiz uma pré-seleção com uma funcionária do RH chamada Mariana Torres que hoje tem uma página no Instagram e ajuda pessoas a se relacionarem bem com seus currículos e empresas que almejam fazer parte. Lembro-me bem que ela disse que se você quisesse fazer parte de uma empresa, não bastava só apresentar seu currículo, mas precisava conquistar seu empregador. Fizemos uma dinâmica muito legal onde eu tinha que vender uma máquina fotográfica e não podia falar a palavra "máquina fotográfica". Eu fiz várias mímicas, foi bem divertido. Lembro-me da gerente que me contratou na segunda-feira, pois meu filho ia fazer 1 ano e eu estava preparando a festinha dele no fim de semana e minha entrevista com ela tinha sido na quarta-feira. Pensei: "Em qual o emprego na minha vida, uma gerente faria isso!?". Também teve a formatura do meu filho mais velho no Ibeu. Tenho uma gerente muito legal agora que gosta de jogos de tabuleiros e ama coisas divertidas. Uma vez resolvemos enfeitar a filial Copacabana, na época do Halloween, com o tema de uma série de terror e muitas pessoas resolveram tirar fotos pelos nossos corredores, os professores foram muito participativos. Lembro também das festinhas de Halloween e das portas enfeitadas. Os natais. As festas de fim de ano. Ah, muitas lembranças...

Flavia Pinheiro de Almeida

Assistente Administrativo - Filial Copacabana

Equipe Administrativa

O Ibeu sem dúvidas é parte grande da minha história. Foi aqui que eu realmente me entendi como educadora e aprendi que desenvolvimento profissional é algo que a gente tem que buscar sempre. Foi por causa da seriedade desse Instituto que eu me casei, financiei meu primeiro apartamento e tive meu primeiro filho. Sempre tive a oportunidade de trabalhar com pessoas incríveis e brilhantes que me fizeram enxergar mais longe. Espero continuar contribuindo para o crescimento dessa casa, pois como diz Antoine de Saint-Exupery, em sua obra, O Pequeno Príncipe, "Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós."

Isabella Campos Alvim
Coordenadora Acadêmica

O Ibeu entrou na minha vida em uma época em que buscava mudanças. Depois de muito tempo atuando em bibliotecas universitárias, desejava novos desafios. A possibilidade de trabalhar numa escola que foca no aprendizado como algo prazeroso e com todo o suporte acadêmico para a biblioteca escolar me conquistou e desde então tem contribuído para o meu crescimento profissional. O Ibeu me proporcionou também conhecer pessoas incríveis e profissionais engajados, não somente na Instituição, mas em outros Centros Binacionais também.

Janaína Reina Furtado Machado
Bibliotecária

Equipe Administrativa

Meu nome é Jeanne e sou gerente de TI. Estou aqui há algum tempo e minha trajetória se confunde com a evolução da tecnologia no Ibeu ao longo desses anos!

Fui contratada em meados dos anos 90 com o objetivo de desmistificar um tal de microcomputador. Minha tarefa era treinar os usuários, para que pudessem utilizar os programas e sistemas, facilitando a rotina para que pudessem executar melhor o seu trabalho. Nessa época, eram muitas as curiosidades, e que hoje parecem inacreditáveis! Por exemplo, os computadores não tinham mouse! Os usuários tinham que decorar as teclas de atalho para executar as funções, e era apenas um por departamento.

Existia uma rede local na sede e na filial Tijuca 1. O Ibeu começava a engatinhar na era digital. Havia também um sistema de gestão acadêmica e financeira, porém, as transações não ocorriam em tempo real. Ao final de todos os dias, um operador do então CPD (Centro de Processamento de Dados), se conectava remotamente, via linha discada, à todas as filiais e “recolhia” as movimentações acadêmicas e financeiras dos alunos. Em seguida, processava no sistema e atualizava o banco de dados. No dia seguinte um motoboy distribuía, acreditem, disquetes (!) com uma versão do banco para os funcionários das filiais atualizarem os dados no computador da filial. Era o famoso protocolo de rede DPL/DPC – “Disquete pra lá / Disquete pra cá! O único computador com acesso à internet era no setor de Orientação e Bolsas, com conexão discada!

Com a explosão da tecnologia no Brasil no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, as empresas viram crescer cada vez mais a necessidade de se desenvolver tecnologicamente para conseguirem se manter competitivas no mercado. Nesse interim, o Ibeu passou por três sistemas e os computadores passaram a ocupar a mesa dos colaboradores (com mouse!). Os disquetes desapareceram, da mesma forma que seu protocolo de transmissão de dados, dando lugar a atualização em tempo real, utilizando as mais modernas formas de conexão de redes locais e remotas. A internet passou a ser fundamental para as tarefas do dia-a-dia. As primeiras salas de aula inteligentes (uma por filial) deram lugar a quadros interativos, com computadores em todas as salas, realidade aumentada e, mais recentemente, nos reinventamos com as aulas remotas e híbridas!

Tanta evolução em um tempo relativamente curto! Com muita alegria posso dizer que acompanhei todas as fases do crescimento tecnológico do Ibeu. É extremamente gratificante olhar para trás e ver que o caminho foi tortuoso, mas trouxe muitas oportunidades e aprendizado. Os desafios continuam enormes, mas as possibilidades de crescimento e inovação são determinantes para continuar colaborando e construindo este caminho de bits e bytes!

Jeanne Classo
Gerente de TI

Equipe Administrativa

Sou professor de Inglês há um tempinho e tive a oportunidade de estar em outras Instituições de ensino. Tive a oportunidade de conhecer e experimentar a excelência do Ibeu nos idos da década de 80 quando fiz um curso preparatório para o Toefl. Já então me encantei com o profissionalismo, a organização e o cuidado com o aprendizado do aluno. Anos mais tarde, já exercendo a profissão de educador, candidatei-me a uma vaga como professor, pois sabia que era uma Instituição que dialogava com as minhas práticas de sala de aula e que poderia contribuir para o meu crescimento profissional. Fui selecionado, iniciei, mas tive que me afastar, pois tive que sair da cidade do Rio de Janeiro. O pequeno período que fiquei foi o suficiente para ratificar minhas suspeitas de ser o Ibeu um excelente lugar para se trabalhar. Por 8 anos estive fora do Rio e, quando precisei retornar, não hesitei: nesta cidade, o Ibeu seria o único lugar em que eu desejaria trabalhar. E assim aconteceu: fui selecionado, tive meu objetivo concretizado e venho desde então crescendo cada vez mais como profissional.

Jorge Braga
Coordenador Acadêmico

Sou filha da ex-funcionária Paula Lopes, telefonista, e a minha memória afetiva referente ao Ibeu é a de ter crescido dentro dele. Lembro e guardo os maravilhosos momentos vividos ali. Adorava quando a minha mãe me levava pro trabalho e eu ia em todos os departamentos para cumprimentar os colegas de trabalho dela. A cada departamento que eu entrava, saía com bons abraços, risadas e alguns brindes diferentes. Hoje, os tios e tias, colegas de trabalho da minha mãe, são os meus colegas de trabalho. Sempre admirei o Ibeu e hoje fazer parte do time é uma sensação maravilhosa!

Kelly Cristina Lopes Ramalho
Assistente Administrativo - Filial Freguesia

Equipe Administrativa

Nesses muitos anos de vida e de muitas histórias, o Ibeu faz também parte da minha narrativa. Minha trajetória profissional aqui no Ibeu atingiu a maioria em fevereiro deste ano. Sim, são 18 anos como professora, mentora, host teacher, assistente do Ibeu em escolas e gerente de filial. Muitas experiências, aprendizados, desafios, alegrias e realizações tanto profissionais como pessoais.

O Ibeu sempre me remete a pessoas que marcaram e marcam minha vida . Orgulho de ser Ibeu. Parabéns amado Ibeu!

Liliane Costa Arguelho

Gerente das filiais Novo Leblon e Freguesia

Percebo que desde cedo o Ibeu fez parte da vida da minha família. Meus irmãos, meus primos e eu éramos crianças apaixonadas por inglês e fomos todos alunos do Ibeu. O conhecimento adquirido da língua inglesa nos ajudou no crescimento e desenvolvimento profissional. Já na fase adulta, fui novamente aluna do Ibeu, onde pude constatar que mesmo com o passar do tempo, eu continuava amando aprender inglês no Ibeu. Como funcionária, tive a oportunidade de conhecer pessoas que se tornaram amigos verdadeiros. Gosto muito deste ambiente de educação e posso dizer que o Ibeu faz parte da minha história desde sempre! Feliz Aniversário, Ibeu!

Lúcia de Moraes Lacerda Basílio

Assistente Administrativo - Filial Botafogo

Equipe Administrativa

IBEU, Ibeu, ibeu!!!

O que é fazer parte da família Ibeu?

É inventar e se reinventar o tempo todo;

É bebemorar, bebechorar, é beber da fonte do conhecimento;

É um constante encontrar, desencontrar e reencontrar;

É diversificar, unificar e universalizar ideias e pessoas.

Quase 10 anos de acolhimento, de troca enriquecedora e de entrega total.

Que venham mais 10!!!!!!!!!!!!

Vamoquevamo!

Marcia Sales

Gerente das Filiais Méier e Nova América

Meu primeiro contato com o Ibeu foi em agosto de 1997 (a long time ago). Tinha 9 anos e estava me matriculando no Kids da filial Copacabana. Estava muito empolgada com essa nova experiência e, a cada aula, ficava ainda mais encantada. Adorava as aulas e esse "plus" de aprender "brincando" nos joguinhos dos computadores que ficavam na biblioteca. Era muito divertido. Poucos anos depois, minha mente (adolescente rebelde mesmo) começou a não querer mais frequentar as aulas e cancelei a matrícula.

Treze anos depois, me vejo novamente no prédio do Ibeu, mas, desta vez, o encontro não seria na sala de aula, e sim no RH. Fui participar de um processo seletivo para trabalhar na secretaria e, em 2014 comecei a fazer parte da equipe! Ah, e também voltei a ser aluna, claro!

Sou muito feliz por fazer parte da história do Ibeu!!!

Mychelle Santos Cavalcante

Assistente Administrativo - Filial Campo Grande

Equipe Administrativa

Sou cria do Ibeu. O Ibeu faz parte da minha vida desde os meus 10 anos de idade, quando ingressei no curso C1 da Filial Tijuca - a da Rua Morais de Silva, pois na época ainda não existia a Filial Tijuca 2. Lembro-me até hoje da minha primeira professora, que se chamava Sona e era egípcia. Após concluir o Curso Regular, que ia até o nível 62 naquele tempo, fiz o curso de Tradução com o querido Mr. Patrick Finn e, posteriormente, o TTC (Teacher Training Course). Ao terminar o mesmo, fui escolhida como oradora e tive o prazer de discursar na cerimônia de formatura. Ao fim do evento, fui convidada por três coordenadores (atualmente chamados gerentes) do Ibeu - Negrito, Jorge e Ivan, a lecionar na instituição. No Ibeu, tive professores maravilhosos, como Ilse Melchior, Isa Amui, Carlos Alberto Camillo e Ruth Nogueira. Que orgulho poder fazer parte de seu corpo docente trabalhando com essas pessoas a quem eu tanto admirava!

Comecei como professora na Filial Tijuca em 1988 com três turmas - dos níveis 11, 31 e 41 - e tenho contato até hoje com alguns alunos desses grupos - alunos que viraram amigos e cuja trajetória acompanho com alegria e admiração. Em 2002, fui promovida a supervisora acadêmica (cargo depois denominado coordenadora acadêmica) e

continuo nessa posição até hoje. Como supervisora/coordenadora, tive a chance de interagir com profissionais incríveis - professores, outros coordenadores, gerentes, superintendentes ... - com quem aprendi e ainda aprendo muito todos os dias. Tive também grandes oportunidades de desenvolvimento profissional - como o SIT TESOL Certificate Course e cursos na Ohio University e em NILE (Norwich Institute for Language Education), na Inglaterra. Participei ainda de inúmeros congressos, cursos e eventos, que me ajudaram a ser a profissional que sou hoje. Sou muito grata ao Ibeu por tudo que me proporcionou ao longo dos anos!

Minha mãe também foi professora do Ibeu e conheci meu marido nessa instituição. São tantas histórias e tantas memórias que eu poderia escrever um livro!

A missão do Ibeu é transformar vidas através do ensino de línguas. Posso dizer, sem a menor dúvida, que o Ibeu transformou a minha vida!

Patrícia Elizabeth Peres Martins
Coordenadora Acadêmica e EducationUSA
Adviser

Equipe Administrativa

A minha história com o Ibeu, embora não tenha 85 anos, é bastante longa! Ainda nos anos 80, embarquei em uma viagem profissional gratificante. Desde as minhas primeiras aulas como professora, fui percorrendo um caminho de aprendizado e reconhecimento. Fiz amigos para a vida, vivendo orgulhosamente os acertos, aprendendo com os erros, superando os momentos difíceis e crescendo profissionalmente, sempre com entusiasmo e alegria.

São incontáveis os momentos divertidos em sala de aula, as fofocas de sala dos professores, as reuniões gerenciais onde a colaboração e a empatia são compartilhadas...

Minha história com o Ibeu é longa e feliz. Uma história de amor.

Regina Christophe Fendt
Gerente da Filial Jardim Botânico

Passei por três escolas de inglês e nunca consegui finalizar um semestre dos cursos. Meu pai, que trabalhou mais de trinta anos na aviação, insistia em me matricular, fazia questão de me tornar bilíngue. Dos 15 aos 20 anos, perdi as contas de quantas brigas tivemos por eu detestar inglês e preferir o futebol ou a natação. Quando completei 21 anos e precisei de um estágio para completar o curso técnico em administração, o Ibeu entrou na minha vida, através do CIEE. Comecei como estagiário e dez meses depois, me tornei secretário. Iniciei meus estudos no mesmo semestre que ingressei na instituição, me apaixonei pelo idioma e cinco anos depois pude, finalmente, entregar ao meu pai, um diploma de Curso Avançado em Inglês. Só tenho a agradecer ao Ibeu, pelos últimos dez anos, por finalmente me mostrar o quanto apaixonante é aprender inglês e por me permitir dar orgulho ao meu pai. Parabéns, Ibeu! Que venham mais 85 anos!

Renan Oliveira Alves
Assistente Administrativo - Filial Botafogo

Equipe Administrativa

Minha história com o Ibeu começa quando eu era criança. Estudei em Ipanema e Copacabana e me formei pelo Ibeu. Anos depois voltei à casa para fazer o TTC. E um ano depois fui contratada como professora. Alguns anos depois, me tornei coordenadora acadêmica e hoje trabalho na área de tecnologia educacional. O Ibeu me deu amigos para a vida toda. Foi no Ibeu que conheci meu grande companheiro de vida. Foi o Ibeu que me ajudou a perceber que minha vocação era a educação. O Ibeu me deu oportunidades de viajar para fora do país e aprender muito sobre outras escolas e outras culturas e pude implementar todo esse aprendizado pra um bem maior: transformar vidas através do ensino de línguas. Pude contribuir para o processo do Ibeu se tornar Google for Education e sinto muito orgulho de nos ver evoluindo e transformando o aprendizado de nossos alunos. Há 15 anos aprendo diariamente a ser uma profissional melhor, para cada vez mais transformar a educação e o aprendizado.

Roberta Freitas

Coordenadora Acadêmica e Google Inovator

Na minha juventude, eu queria ser enfermeira, mas eu não estudei, fiz até o 6º ano e parei. Comecei a trabalhar aos 23 anos. Quando cheguei no Ibeu, já estava com 45 anos, foi em 2011, eu era terceirizada. Agora estou aqui, como funcionária, há 7 anos. O Ibeu é uma família, conheço todos, das filiais às gerentes, e me dou bem com todos. Fico muito triste quando sai alguém da empresa, a gente se identifica com muita gente.

Rosemary Regina dos Santos

Auxiliar de Serviços Gerais - Ibeu Copacabana

Equipe Administrativa

O Ibeu literalmente faz parte da minha vida. Comecei no Ibeu aos 14 anos como aluna na filial Tijuca 1. Ali fiz amigos e fiz vários cursos - regular, tradução, conversação, preparatório para Michigan - e passei no ECPE com o inglês que aprendi aqui. Quando era adolescente, comecei a namorar meu marido e ele vinha me encontrar na porta do Ibeu após as aulas. Casei e continuei estudando no Ibeu Copacabana fazendo o TTC. Quando me formei, comecei a dar aulas à noite no Ibeu, na filial Tijuca 1, onde estudei. Alguns dos meus professores passaram a ser meus colegas. Quatro anos depois, abri mão de uma carreira na General Electric e decidi seguir a carreira de professora de inglês no Ibeu. Estou aqui até hoje, agora como coordenadora acadêmica na instituição cuja história se funde à história da minha vida.

Samara Camilo Tomé Costa
Coordenadora Acadêmica

E lá se vão 31 anos... Uma trajetória de profissionalismo, comprometimento, aprendizado e muito amor por essa instituição. Foram vários "Halloweens", "Happy Easters" e inúmeras atividades extracurriculares. Cheguei aqui "teenager" e sempre vi o Ibeu acompanhar a modernidade, sem perder sua qualidade na excelência acadêmica. Me orgulho em fazer parte dessa linda história. Viva o Ibeu! Viva seus 85 anos!

Simone Lacerda
Secretária da Diretoria, Presidência e Superintendência Geral, responsável Setor de Bolsas e da Área de Associados do Ibeu

Equipe Administrativa

Sempre quando eu ia para a escola e passava de ônibus pela Rua Dias da Cruz, via aquela logo do Ibeu no poste, indicando que ali havia uma filial, na esquina da Barão de São Borja. Isso sempre chamava minha atenção, então, quando eu já tinha 22 anos, estava fazendo faculdade e procurando estágio/emprego, fui até um centro de estágios empresa/escola, fiz minha inscrição e consegui sair de lá com um e-mail para enviar o meu currículo. Chegando em casa fui pesquisar para saber o lugar do tal e-mail e, para minha surpresa, era do Ibeu, da logo que sempre chamava a minha atenção. Na mesma hora, dentro de mim tive a certeza que a vaga teria que ser minha, e não demorou muito para eu receber uma ligação da Gerente Ana Reis, informando que gostaria de marcar uma entrevista. Fiquei super animada! Logo depois, recebo outra ligação de uma empresa diferente onde eu já tinha feito entrevista, informando que eu tinha sido aprovada para vaga de Assistente Administrativo. Fiquei muito feliz também, mas eu queria ir na entrevista do Ibeu para a vaga de estágio antes de aceitar a outra oportunidade. Não sei explicar o motivo, afinal de contas eu já tinha nas mãos um emprego de carteira assinada, mas eu queria ouvir o que o Ibeu me diria, então, fui à entrevista na Sede para vaga de estágio. Comecei a ficar

nervosa no elevador, entrei na Filial de Copa, e aquela logo gigante que me encantava estava bem na minha frente. Enfim, chegou a gerente, e me chamou, e eu estava muito nervosa. A Ana Reis foi um amor comigo e me deixou tranquila. No dia seguinte, recebi uma ligação informando que havia sido aprovada e começaria na próxima semana e, na mesma hora, já enviei mensagem para a outra empresa agradecendo a oportunidade, mas que eu declinaria. O Ibeu me escolheu e eu escolhi o Ibeu, e foi a melhor coisa que fiz!

Estou aqui há sete anos, e passando por cinco filiais conheci muitas pessoas, adquiri bagagem e cresci muito como pessoa e profissionalmente. Como volante, conheci muitos lugares e adquiri experiências de vida. O Ibeu é uma família, e sou e sempre serei eternamente grata por fazer parte dessa história!

Hoje em dia, em qual filial estou??? Filial Méier a tal da Barão de São Borja!!! Obrigada Ibeu, obrigada a todos que contribuíram de alguma forma nesses meus 7 anos de Ibeu!

Thainá Cruz de Senna

Assistente Administrativo - Ibeu Méier

Equipe Administrativa

Diferentemente de vários funcionários do Ibeu, não estudei nem tive familiares que trabalham ou trabalharam na instituição.

Na verdade, eu escolhi trabalhar no Ibeu por entender que minhas crenças como educadora iam de encontro com o propósito do Ibeu. No entanto, quando cheguei aqui em julho de 2013 vi uma empresa muito maior do que conhecia por fora - galeria de arte, música, Biblioteca, projetos com a Embaixada Americana, EducationUSA, enfim o que era admiração virou amor verdadeiro.

E apesar de estar chegando fui muito bem recebida por todos, sem exceção.

Iniciei na empresa como coordenadora do Ibeu Online, um ano e meio depois fui abrir a Filial Jardim Oceânico e dois anos depois fui convidada a assumir a Superintendência Acadêmica.

E lá se vão quase nove anos de muito trabalho, aprendizado, diversão e gratidão.

Gosto de pensar no Ibeu como um time onde, com funções definidas, buscamos alcançar nossas metas diárias mas se for preciso ajustar ou mesmo modificar nossa estratégia de jogo, não hesitamos pois afinal em um time todos são muito importantes.

Vania Furtado
Superintendente Acadêmica





Galeria de Arte Ibeu

Depoimentos de membros da Comissão Cultural do Ibeu e de
artistas visuais que realizaram exposições na Galeria de Arte Ibeu

Galeria de Arte Ibeu

Ingressei na Galeria do Ibeu participando da coletiva NOVÍSSIMOS em 1999, e, em 2004, lá realizei uma exposição individual de pinturas. A Galeria e todos os envolvidos na sua administração me acolheram com tamanha simpatia que logo me senti "em casa"! Em 2015, muito feliz com o convite do Pekito, passei a fazer parte da Comissão Cultural do Ibeu e, com muito prazer e dedicação, tenho participado, com meus colegas de Comissão, de reuniões alegres, onde prevalecem a troca de conhecimentos, o respeito e o empenho em tornar realidade, na Galeria do Ibeu, os projetos artísticos apresentados.

Carla Sigaud

Artista plástica, membro da Comissão Cultural do Ibeu

Ahhh a Galeria do IBEU é para mim um lugar bem especial... Um lugar experimental, que deu oportunidade a muitos artistas de realizarem seus trabalhos. Eu só tenho a agradecer a toda equipe, sempre impecável. Participei de algumas exposições coletivas, comemorativas e realizei uma exposição individual que muito me tocou, pela experiência de colocar 3 toneladas de areia de duna dentro da galeria e poder fazer projeções em super 8 de um filme que eu havia realizado numa salina. Essa imagem é uma referência no percurso do meu trabalho.

Parabéns IBEU, pelos 85 anos, e que venham mais muitos anos de cultura!

Claudia Bakker

Artista visual. Em 1996, realizou a exposição individual "Provas de amor" na Galeria de Arte Ibeu de Copacabana



Claudia Bakker - Galeria de arte do IBEU Copacabana 1996
3 toneladas de areia e projeção em super 8

Galeria de Arte Ibeu

Eu sou Elisa Muradas e faço parte da Comissão Cultural do Ibeu, o que para mim é uma honra e um grande prazer.

Pertencer a esta Comissão significa respirar cultura em uma instituição reconhecida e respeitada pelo seu valor para a sociedade brasileira. As reuniões são sempre muito ricas e a troca entre os integrantes da Comissão é muito gratificante. Nossas exposições têm um nível de artistas bastante elevados e se destacam por sua criatividade e diversidade, atingindo diferentes camadas do tecido social e dando oportunidades a artistas em início de carreira, revelando seus valores.

Parabéns ao Ibeu pelos 85 anos de muita dedicação à cultura e à multiplicação do conhecimento.

Elisa Maria G. M. Muradas

Artista visual e membro da Comissão Cultural do Ibeu

Conheci o Professor Luiz Neves ao dividirmos uma sala acadêmico-administrativa na Escola de Belas Artes da UFRJ. Durante alguns anos, por chegarmos cedo ao local, eu fazia o cafezinho matinal, enquanto ele, com muita simpatia e bom humor, oferecia a todos uns deliciosos biscoitinhos. Como início de uma boa conversa matinal, quase sempre ele observava a potência das artes visuais como produção de pensamento na contemporaneidade. Foi assim que soube de sua participação na comissão de seleção dos “Novíssimos do Ibeu” ao longo de todos esses anos e de sua responsabilidade nessa missão. E, nesses bate-papos, comentei sobre a importância dos estudantes da EBA/UFRJ, dos cursos de Artes Visuais-Escultura, Artes Visuais- Gravura e Pintura, terem participações nas exposições promovidas pelos “Novíssimos do Ibeu”, reconhecendo no evento a oportunidade de projeção legitimadora de artistas visuais no circuito de arte carioca e brasileira.

Katia C. Gorini

Professora do curso de Escultura da EBA UFRJ

Galeria de Arte Ibeu

A arte desperta muitos sentimentos, e o que eu considero um dos mais gratificantes é o de unir pessoas, mesmo com diferentes olhares. Um exemplo prático, posso dizer com certeza que foram as reuniões da Comissão Cultural do Ibeu para analisar as obras encaminhadas pelos artistas com o objetivo de compor o Salão Anual de Artes Visuais, Novíssimos Ibeu. Como professor da Escola de Belas Artes da UFRJ, foi uma grata oportunidade poder olhar [admirar] uma significativa amostra da produção atual de artes visuais, com apuro na execução, complementado pelos ricos debates com os colegas de comissão, em momentos divertidos, pausas para o café e ótimos biscoitos. Foi um tempo bom!

Luiz Neves

Arquiteto e Professor da Escola de Belas Artes da UFRJ, membro da Comissão Cultural do Ibeu

Tenho as melhores recordações da minha participação no conselho da Galeria do Ibeu.

Foi um momento em que cresci muito profissionalmente e que, acredito, pude dar boas contribuições, ao propor uma retomada, juntamente com Esther Emilio Carlos, do propósito original da Galeria, que era o de trazer jovens artistas de ponta do circuito para exporem na já tradicional Galeria de Copacabana. Nossa atividade foi muito positiva e transformou o espaço em referência da Geração dos Anos 90.

A ação foi tão exitosa que conseguimos motivar a Direção para abrir a primeira galeria de arte da região suburbana do Rio de Janeiro, na sede do IBEU Madureira, na Estrada do Protela. Foi feito um projeto arquitetônico de alta qualidade especialmente desenhado para o espaço e que se adequava às necessidades da arte daquele momento, com um pé direito de 4,5m. Foi uma grande conquista.

A vida foi tomando outros rumos e me afastei do Conselho para permitir que outras gerações se aproximassem da Galeria do Ibeu, para que fosse mantida viva a sua missão que, ao meu ver, é a de ajudar a construir a história das artes visuais do Rio de Janeiro.

Marcio Doctors

Crítico de arte e Curador da Casa Museu Eva Klabin

Galeria de Arte Ibeu

Miss Castro!!!! Bonita, morena, alta, uns 30 anos na época, foi uma de minhas professoras no IBEU, no quarto andar do edifício sede da Instituição, em Copacabana. Inesquecível, pois era severa e ao mesmo tempo cordial e simpática. Apaixonante, como é comum nós nos lembrarmos de nossos educadores em nossa adolescência. Mas acabei namorando a Marcia, de minha turma. Acho que o meu nível da época era o 22. Eu tinha dezesseis.

Aqui na zona sul do Rio de Janeiro, quem não estudou no Instituto Brasil Estados Unidos na década de 1960? Todos! E todas! O clima na época, era o que descreve a canção “Rua Ramallete” do compositor Tavito: “sem querer fui me lembrar de uma rua e seus ramalhetes ...no muro do Sacre Couer”. Anos dourados, e o IBEU já tinha cerca de 25 anos!!!!

Estamos fazendo 85 anos!!!!

Administrar olhando para trás, é como dirigir um automóvel só olhando o vidro retrovisor! Chega de saudades. É preciso manter o IBEU como a melhor escola de Inglês do Rio de Janeiro, e para isso, não medimos esforços na modernização dos mais expressivos sistemas acadêmicos disponíveis nas melhores e mais avançadas técnicas de educação, tanto no Brasil quanto no exterior.

Tanto é reconhecido, que é o único Instituto de educação e cultura da língua inglesa

apoiado formalmente pela embaixada dos Estados Unidos da América do Norte. Sua fundação no Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro, foi firmado de comum acordo entre intelectuais brasileiros e a representação daquele País. E até hoje, esta relação é mantida.

Impressionante citar que o IBEU é um organismo sem fins lucrativos. Pelo Estatuto de fundação, à Diretoria e seu Conselheiros, é vedado qualquer tipo de honorários ou benefícios, direta ou indiretamente. Hoje temos concedidas cerca de 2.000 bolsas de estudos a alunos carentes vinculados à Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro. Uma filantropia de dar inveja a qualquer empresa no Brasil. Incentivamos e apoiamos a cultura brasileira, em música e artes plásticas. O Coral do IBEU, por exemplo, é digno de uma “récita” na Sala Cecília Meireles!

Para mim, é uma honra fazer parte de sua Administração, e lidar com cultura brasileira e americana com meus colegas da Comissão Cultural deste Instituto.

Péricles Memória Filho (Pekito)

Diretor e Presidente da Comissão Cultural do Ibeu

Memória Fotográfica

Nesta seção do livro, apresentamos registros fotográficos pertencentes ao acervo documental do Ibeu, além de excertos bibliográficos que colaboram para a contextualização desta seleção de imagens.

O Instituto Brasil-Estados Unidos sempre dedicou atenção ao Intercâmbio Cultural, acreditando que um melhor conhecimento das culturas, dos ideais e do idioma do Brasil e dos Estados Unidos, traria imenso benefício para ambos os países.

Em 1937, foram iniciadas as atividades da Comissão Cultural, cuja missão é a de promover atividades e intercâmbios culturais de alto nível.

As atividades artísticas do Ibeu iniciaram oficialmente no dia 15 de março de 1940, por ocasião da cerimônia de inauguração da primeira biblioteca do Instituto na Rua México, 90/3º andar. O artista expositor era Carlos Oswald, com suas gravuras em água-forte.

Em 18 de junho de 1951, foi inaugurada a primeira sala de exposições do Ibeu em sua nova sede na Rua Senador Vergueiro, 103, no bairro do Flamengo.

Essa fase que durou nove anos marcou a presença do Ibeu como entidade autônoma e sem fins lucrativos dentro do movimento artístico da cidade.

Fonte: Livro Ibeu 50 Anos

Imagens: Acervo Ibeu, sem data e sem legenda (década de 1940)



Tardes Musicais

Em 1947, foi iniciado um programa mensal chamado Tardes Musicais, com audição de discos de compositores brasileiros e norte-americanos. Em 1949, o evento passou a contar com a participação de artistas ao vivo. Mais de duzentas "tardes musicais" foram realizadas sob o patrocínio do Ibeu.



Coral do Ibeu

Coordenado pelo professor Hermano Sá, e posteriormente dirigido pela professora Maria Natividade Guedes, o Coral do Ibeu foi fundado em 1962. Em 1970, um segundo Coral foi formado na Filial Tijuca. Como atividade regular, os dois corais se apresentam nas Cerimônias de Encerramento dos Cursos, quando cantam os Hinos Nacional e Americano.



Programas Teatrais

Teatro, balé, leitura de peças, cursos e palestras fizeram parte das atividades estudantis que se organizavam com a finalidade de praticar a língua inglesa. Em 1944, o Dramatic Club do Ibeu apresentou sua primeira peça, "The Journey of the Sacy", escrita e dirigida por Miss Michael Hawks, no Auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).



Fonte: Livro Ibeu 50 Anos

Imagens: Acervo Ibeu, sem data e sem legenda (década de 1940)

A história da vida artística do Ibeu pode ser dividida em três fases: a primeira, de 1940 a 1951, em que o Ibeu precisou de entidades copatrocinadoras de suas atividades artísticas por não possuir local adequado para a realização das mesmas. Nessa fase, o Ibeu contou com a colaboração de diversas entidades: Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Ministério da Educação e Saúde, Escola e Museu de Belas Artes e, principalmente, Instituto dos Arquitetos do Brasil, com o qual o Ibeu desenvolveu intenso programa conjunto de exposições entre os anos 1946 e 1948. Alguns dos expositores dessa fase: Milton Dacosta, Djanira, Carlos Scliar, Antonio Bandeira, Iberê Camargo, entre outros. Foram ao todo, no período, realizadas 38 exposições, entre individuais e coletivas.

A segunda fase foi iniciada em 18 de junho de 1951, em sua nova sede no Flamengo. Na coletiva de inauguração estavam trabalhos de Burle Marx, Djanira, Dacosta, Guignard, Iberê Camargo, Maria Leontina e outros bastante conhecidos. Foram 53 exposições individuais e 19 coletivas.

A terceira fase iniciou-se em 19 de outubro de 1960. Ao instalar-se em sua sede própria em Copacabana, o Ibeu inaugurou uma das mais belas galerias particulares do Rio de Janeiro. Projetada pelo arquiteto Wi-Olaf Prochnick, a Galeria foi inaugurada com o 1º Salão de Artes Plásticas do Ibeu. Foram expostos 77 trabalhos de 40 artistas, após uma seleção de 375 trabalhos de 150 artistas.

Fonte: Livro Ibeu 50 Anos

À direita, vista do edifício-sede do Ibeu em Copacabana. Fotografia: Acervo Ibeu (década de 1970)



Natureza Morta na Pintura Moderna

Inauguração: 20/07/1961

Curadoria: Comissão Cultural do Ibeu

Galeria de Arte Ibeu,
Copacabana

Na foto, obras de Iberê Camargo, Diva Rolla e M. Bradley



Auto-Retratos (1893/1944)

Inauguração: 10/06/1966

Curadoria: Antonio Bento

Galeria de Arte Ibeu,
Copacabana

Na foto, obras de Jacintho de Moraes, Antônio Bandeira, Paulo Becker, Carlos Scliar, José Pancetti



7 NOVÍSSIMOS

Inauguração: 08/03/1967

Curadoria: Marc Berkowitz

Galeria de Arte Ibeu,
Copacabana

Na foto, Ivens Machado, Marc Berkowitz, Gilles Jacquard, Angelo Hodick, M. P. de Sousa, Dr. Adroaldo de Alencar, Alceste Tarabini e Arturo Washington



Fotografias: Acervo Ibeu

Electronic Teaching Laboratories

"Em 1959 foi firmado um convênio com a Embaixada Americana para ministração de um curso de inglês Áudio-Oral na Filial Centro. Em decorrência desse convênio, foi inaugurada em 18 de novembro de 1964 um Laboratório Eletrônico na mesma filial. Considerado um dos mais modernos laboratórios em operação no Brasil, compunha-se de 24 cabines individuais, todas dispoendo de gravadores próprios, permitindo ao aluno ter o seu treinamento individual. Mais tarde, vários Centros Binacionais, com a cooperação da Embaixada, inauguraram laboratórios similares. A partir de agosto de 1965, a Filial Copacabana também passou a ter o seu laboratório Áudio-Oral. Em maio de 1970, foi inaugurado um laboratório na Filial Tijuca. O programa de ensino Áudio-Oral teve a duração de pouco mais de duas décadas, tendo sido substituído, a partir de 1983, por um estudo da língua auxiliado por uma nova e promissora tecnologia: o videocassete."

Fonte: Livro Ibeu 50 Anos

Imagens: Acervo Ibeu, sem data e sem legenda (década de 1960)



Dentre os dez objetivos constantes da Declaração de 6 de janeiro de 1937 que, sete dias depois deu origem à fundação do Instituto Brasil-Estados Unidos, dois deles fazem referência especial à instalação, no Rio de Janeiro, de uma biblioteca típica da produção intelectual dos Estados Unidos, acessível ao público em geral. A Biblioteca do Ibeu foi inaugurada no dia 15 de março de 1940 numa sala do 3º andar do prédio da Rua México 90.

A inauguração foi presidida pelo então Presidente do Ibeu, Dr. Raul Fernandes, e contou com a presença do Ministro Gustavo Capanema e do Embaixador Norte-Americano Jefferson Caffery.

Durante 11 anos a Biblioteca da Rua México foi um pequeno núcleo cultural frequentado por alunos, sócios e professores, até que em 1951 passou a funcionar na nova sede, na Rua Senador Vergueiro 103, no bairro do Flamengo.

Em 1960, já com sede própria em Copacabana, a Biblioteca do Ibeu foi novamente transferida, desta vez para o 3º andar do novo prédio, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana 690, onde permanece.

À medida que se expandia o Ibeu, iam se abrindo novas bibliotecas nas Filiais que eram inauguradas: Tijuca, Botafogo, Centro, Méier, Ipanema, Jardim Botânico.

Fonte: Livro Ibeu 50 Anos

Fotografias: Acervo Ibeu - Registros da Biblioteca Ibeu em Copacabana (imagens sem data e sem legenda - cerca década de 1970)



O Ibeu na atualidade

Registros fotográficos de eventos sociais e culturais realizados pelo Ibeu na década de 2000



Coral do Ibeu em apresentação na Cerimônia de Formatura do Ibeu



Ibeu Rock Festival 2012 - Circo Voador, RJ



Ibeu Jam Session (Filial São Francisco, 2017)



Show dos Detonautas no Ibeu Rock Festival 2012



Ibeu Jam Session (Filial São Francisco, 2017)



Ibeu Rock Festival 2013 (Teatro Odisséia, RJ)



Show do grupo No Olho da Rua (Filial Méier, 2014)



Ibeu Rock Festival 2014 (Blue Note, RJ)



Show da banda Drenna (Filial Freguesia, 2015)



Vista do **Auditório Ibeu Copacabana**



Coral do Ibeu no Auditório da FIRJAN (2017)



Alexandre Gismonti - Show no Auditório Ibeu (2014)



Coral do Ibeu no Auditório Ibeu Tijuca (2016)



Ari Borger, Flávio Guimarães e Alamo Leal - Show no Auditório Ibeu (2013)



Coral do Ibeu na Cerimônia de Formatura do Ibeu (2019)



Fátima Guedes - Show no Auditório Ibeu (2015)



Coral do Ibeu no Campo de São Bento (Niterói, 2016)



Recreating Basquiat - Oficina de Grafitti



Evento realizado na Filial Novo Leblon (2018)



Recreating Basquiat - Oficina de Pintura



Evento realizado no Campo de São Bento (Niterói, 2018)



Jurados e aluna vencedora do Ibeu Talent Show 2015



Vencedores Ibeu Talent Show 2017



Vencedores Ibeu Talent Show 2018



Ibeu Talent Show 2019 (jurados e os dez alunos finalistas)

Equipe Ibeu 85 Anos

Nesta última seção do livro, apresentamos registros de eventos sociais e imagens de nossos colaboradores e funcionários em encontros especiais nos últimos anos.



Equipe administrativa do Ibeu (Copacabana, dezembro de 2021)





Equipe Ibeu 85 Anos

PRESIDENTE

José Luiz Lopes da Silva

1º VICE-PRESIDENTE

Luciano Vicente de Medeiros

2º VICE PRESIDENTE

José Mauricio de Barcellos

1º TESOUREIRO

Evandro Borges Paiva

2º TESOUREIRO

Luiz Carlos Rio Tinto de Mattos

DIRETORES

Gilberto Figueiredo

José Luiz S. Miranda

Péricles Memória Filho

Sérgio de Moraes Dias

Toyoko Lepasqueur

CONSELHEIROS

Acher Mossé

Alberto Venancio Filho

Angela Maria Gervásio Neves

Arlindo Vianna Filho

Arthur Cohen

Augusto Rocha Maia

Carlos A. B. Bueno

Carlos Olavo Q. Guimarães

Daniel Acylino Macedo De Lima

Donato Alves Ferreira

Fabio Pessanha Henriques

Fernando Carvalho

Gilson Freitas De Souza

Italo Mazzoni Da Silva

James Cobb Strickland

Jerzy Z. L. Lepecki

João Baptista Torrentes G. Pereira

João Carlos Pessoa Fragoso

Joaquim Francisco De Carvalho

Joel Korn

José Luiz G. Sarahyba

José Thomaz Nabuco, Filho

José Thomaz Nabuco, Neto

Julio Isnard

Luiz Fernando Teixeira Pinto

Luiz Gonzaga Schroeder Lessa

Manoel Do Valle Silva

Marcelo Queiróz

Myriam Levy Cardoso Moreira

Nide Geraldo Do Couto R. Fico

Odair De Brito Franco

Ricardo Cravo Albin

Roberto Godinho Lopes

Ronaldo Camargo Veirano

Ronaldo Moreira Da Rocha

Rubens Bayma Denys

Rubens Branco da Silva

SUPERINTENDÊNCIA GERAL

Superintendente Geral

Alfredo José Pereira de Lucena

Assistente Executivo

Simone Lacerda de Souza

GERÊNCIA DE RECURSOS HUMANOS

Gerente de RH

Marcello Augusto Morais Borges

Analista de RH

Gabriela Skalaty de Souza Pinto

Assistente de RH

Janice Ferreira dos Santos

Vicente

Pablo Oliveira da Silva

Jovem Aprendiz

Administrativo

Sthefany Monteiro Lessa Viana

SUPERINTENDÊNCIA ACADÊMICA

Superintendente Acadêmica
Vania de Cassia F. de S. Furtado

Coordenadores Acadêmicos
Isabella Oliveira Campos T. Alvim
Jorge Luiz Campos Braga
Patrícia Elizabeth Peres Martins
Roberta de Freitas S. Machado
Samara Camilo Tome Costa

Assistentes Administrativos
Aline da Silva Pinto
Elizabeth Motta da Silva

GERÊNCIA DE MARKETING

Gerente de Marketing
Adriana Alvim Calainho

**Analista de Marketing Digital
Pleno**
Emily Elias Alves Simão

**Analista de Marketing Digital
Sênior**
Thiago Oliveira Pinto Maia de
Loureiro

Assistente de Marketing
Gabriela Novaes Feitosa

Web Designer Digital
Alex Sandro Monteiro Camelo

SUPERINTENDÊNCIA DE OPERAÇÕES DE FILIAIS (SOF)

Superintendente de Operações
André Corval Vieira

Assistentes Administrativos
Gean Nascimento de Carvalho
Renan Souza da Conceição
Simone de Azevedo Teixeira
Thalis Carriello de Azevedo

Assistentes de Relacionamento
Cristiane Martins Gonçalves
Leonardo Lopes Vidal

**Assistentes de Suporte ao
Usuário**
Airton de Lima Menezes

Inspetor
Matheus Fortuna de Mello

GERÊNCIA DE OPERAÇÕES ESPECIAIS (GOPE)

Supervisora Comercial
Patrícia de S. Parada Cavalcante

Assistentes Administrativos
Camila Alencar C. do Nascimento
Marilda Merlo Guimarães
Rodrigo Ramos Sanches
Tassiana Cristina de Andrade

PROMETRIC

Analista Administrativo Júnior
Sandra Maria Affonso Barral

Assistente Administrativo
Ana Carolina Freitas Martins

COMISSÃO CULTURAL

Presidente
Péricles Memória Filho

Membros
Carla Sigaud
Cesar Kiraly
Elisa Muradas
Julio Brau
Luiz Neves
Thereza Miranda

CENTRO CULTURAL E GALERIA DE ARTE IBEU

Coordenadora Cultural
Rebeca Rasel

Assistente Administrativo
Diana Barros

BIBLIOTECA

Bibliotecária
Janaina Reina Furtado
Machado

Assistentes Administrativos
Josemir Souza Velasco
Patrícia de Alencar Navarro

**SUPERINTENDÊNCIA
ADMINISTRATIVA FINANCEIRA**

**Superintendente
Administrativo
e Financeiro**
Marcelo Monroy Bentes

GERÊNCIA ADMINISTRATIVA

Gerente Administrativo
José Luiz Martins Carvalho

Analista Administrativo
Paulo Henrique Moreira
Riquelme

Assistente Administrativo
Simone Maria de Oliveira Leite

Assistente Financeiro
Margareth Cristina S. do Carmo

**Jovem Aprendiz
Administrativo**
Luís Felipe Rosendo Pessanha

GERÊNCIA FINANCEIRA

Coordenador Financeiro
Evaldo Mariano Pires

Assistentes Financeiro
Elton Machado da Silva
Iago de Oliveira Leite

GERÊNCIA CONTÁBIL

Gerente Contábil
Rogerio Botelho da Silva

Assistente Contábil Sênior
Cátia Cilene Souza do Carmo

Assistente Contábil
Levi Alves Soares

GERÊNCIA FINANCEIRA

Coordenador Financeiro
Evaldo Mariano Pires

Assistentes Financeiro
Elton Machado da Silva
Iago de Oliveira Leite

GERÊNCIA CONTÁBIL

Gerente Contábil
Rogerio Botelho da Silva

Assistente Contábil Sênior
Cátia Cilene Souza do Carmo

Assistente Contábil
Levi Alves Soares

**GERÊNCIA ADMINISTRATIVA
- MANUTENÇÃO**

**Auxiliares de Serviços de
Manutenção**
Francisco das Chagas B. da
Silva
José do Nascimento
Valdenilson da Costa
Hermógenes

Técnico em Edificações
Marcelo Souza de Carvalho

**GERÊNCIA ADMINISTRATIVA
- SERVIÇOS GERAIS**

Auxiliares de Serviços Gerais
Elmo dos Santos de Oliveira
Geiza Paiva Souza
Katia Cristina Santos Ramos
Rosemary Regina dos Santos

CENTRO DE INFORMÁTICA

Gerente de TI
Jeanne Classo Bezerra

Analistas de Sistemas
Bernardo Fernandes dos santos
Wagner Tiburtino da Silva

Analista de Suporte de Rede
Nelson da Silva Candido

**Analistas de Suporte ao
Usuário**
Luciana Santos de Amorim
Vinicius Araújo Garcia
Agostinho

**Analista de Suporte ao Usuário
Sênior**
Renan Fabrício Leuback
Carvalho

Estagiários Informáticas
Caio Luiz Correa da costa
Yuri Luquez Pereira

Técnico em Informática
Adelcio Martins Fernandes

Técnico em Multimídia
Cleber Camilo de Moura Correia



FILIAL BOTAFOGO

Gerente

Regina Christophe Fendt

Assistentes Administrativos

Lúcia de Moraes Lacerda

Basílio

Renan Oliveira Alves

Auxiliar de Serviços Gerais

Cristina da Rocha Silva

Fabiano Moraes das Neves



FILIAL CAMPO GRANDE

Gerente

Luciana Ramos Botelho

Assistentes Administrativos

Cristiane Souza de Medeiros

Mychelle Santos Cavalcante

Inspetor

Vitor Ferreira de Senna

Auxiliar de Serviços Gerais

Rodrigo Sousa Amaral



FILIAL COPACABANA

Gerente

Annamaria Bevilacqua Agonigi

Assistentes Administrativos

Flávia Pinheiro de Almeida

Kala Ohana Pereira Sodré

Kelly de Carvalho Valadares

Auxiliar de Serviços Gerais

Adriana Firmino de Queiroz

FILIAL FREGUESIA

Gerente

Liliane Costa Arguelho

Assistentes Administrativos

Kelly Cristina Lopes Ramalho

Maristela Merlo Pereira

Auxiliar de Serviços Gerais

Tiago Rodrigues Silva

FILIAL ICARAÍ**Gerente**

Andrea Maria Fontes Feres Ferreira

Assistentes Administrativos

Alcione Gaudêncio S. Borges
Carla Maria Varandas Vargas

Inspetor

Fabiano Marques da Silva

Auxiliar de Serviços Gerais

Luís Augusto Franca da Silva

FILIAL ILHA**Gerente**

Andrea Maria Fontes Feres Ferreira

Assistentes Administrativos

Ana Cristina Freitas de Lima
Bernard Alves Coutinho

Inspetor

Jeferson Neves dos Santos

Auxiliar de Serviços Gerais

Luciane Rodrigues de Oliveira
Rafael Guedes Caffaro

FILIAL JARDIM BOTÂNICO**Gerente**

Regina Christophe Fendt

Assistentes Administrativos

Andrea Pereira Alves Lopes
Leonardo Rodrigues Rosa

Inspetor

Marcelo Santos de Oliveira

Auxiliar de Serviços Gerais

Fernanda Conceição S. de Souza

FILIAL LEBLON**Gerente**

Annamaria Bevilacqua Agonigi

Assistentes Administrativos

Alexandre Gaudêncio da Silva
Rafaela Melo Batista Borges

Auxiliar de Serviços Gerais

Vladeir Costa Franca

FILIAL MÉIER**Gerente**

Marcia Soares Rodrigues Sales

Assistentes Administrativos

Carla Ribeiro Ponte
Danielle Garcia F. P. Nunes de Sá

Inspetor

Carlos Alberto de Oliveira
Heleodoro

Auxiliar de Serviços Gerais

Maria Rita Leal

FILIAL NOVA AMÉRICA**Gerente**

Marcia Soares Rodrigues Sales

Assistentes Administrativos

Karen Christinne de Lima Correa
Monica Alves Silva Haddad

Auxiliar de Serviços Gerais

Sebastião Luiz M. de Araújo Pires

FILIAL NOVO LEBLON**Gerente**

Liliane Costa Arguelho

Assistentes Administrativos

Regiana Cipriano de Paiva
Renata Paola Veiga de Oliveira

Auxiliar de Serviços Gerais

José Antônio Cristóvão

FILIAL RECREIO**Gerente**

Luciana Ramos Botelho

Assistentes Administrativos

Danuza Larissa Madeira Rodrigues
Rosinete Merlo

Auxiliar de Serviços Gerais

Leila dos Santos Camilo da Silva

FILIAL TIJUCA 1 - MORAIS E SILVA**Gerente**

Roberta Barbosa Garcia

Assistentes Administrativos

Andrea Figueiredo Teixeira
Lucas Rainho do Amaral
Sarah Cristina Vieira Nobre

Auxiliar de Serviços Gerais

Fernando Luiz N. de Oliveira
Maria da Gloria Silva Franca

FILIAL TIJUCA 2 - MARIA AMÁLIA**Gerente**

Roberta Barbosa Garcia

Assistentes Administrativos

Jefferson da Silva Barbosa
Thais Angelino Pedro Medeiros

Inspetor

Thiago Flores Cardoso

Auxiliar de Serviços Gerais

Celia Máisa Conceição
A. da Silva
Jon Melson Floro do Nascimento

IBEU @ HOME**Superintendência de Operações**

André Coval Vieira

Assistentes Administrativos

Marilda Merlo Guimarães
Rodrigo Ramos Sanches



LIVRO IBEU 85 ANOS

Produção:

Rebeca Rasel
Diana Barros

Revisão:

Jonatas Tosta B.
Rebeca Rasel

Pesquisa documental no Acervo Ibeu:

Diana Barros
Jonatas Tosta B.
Victoria S. Rodrigues

Projeto gráfico e Diagramação:

Rebeca Rasel

Agradecimentos:

Simone P. Kropf
Talita Fontes



Página 95: Imagens de arquivo das filiais Bangú, Tijuca e Méier. Acervo Ibeu, décadas de 1960-1970.

À esquerda: Imagens de arquivo das filiais Botafogo e Ipanema. Acervo Ibeu, décadas de 1960-1970.

Página seguinte: Imagens atuais do Espaço Maker e da Biblioteca Ibeu em Copacabana (2022).

Última página: Salas de aula da primeira filial do Ibeu, com sede no Edifício Esplanada, na Rua México n° 90, salas 310 a 313. Acervo Ibeu, década de 1940.





